

PERFIL DO JORNALISTA DO SUL 2023



Características sociodemográficas,
políticas, de saúde e do trabalho

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
REDE DE ESTUDOS TRABALHO E IDENTIDADE DOS JORNALISTAS (RETIJ/SBPJIOR)

Perfil do Jornalista do sul 2023

Características sociodemográficas,
políticas, de saúde e do trabalho

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)

Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH)

Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política (PPGSP)

Laboratório de Sociologia do Trabalho (Lastro)

Centro de Comunicação e Expressão (CCE)

Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJOR)

Projeto de pesquisa financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), processos 422609/2021-8 e 316093/2021-1.

Coordenação

Prof. Dr. Jacques Mick – PPGSP e PPGJOR (UFSC)

Profa. Dra. Janara Nicoletti – objETHOS/PPGJOR (UFSC)

Prof. Dr. Samuel Pantoja Lima – PPGJOR (UFSC - Coord. Geral)

Comitê de Pesquisa RETIJ/SBPJor:

Edgard Patrício (PráxisJor/UFC Nordeste), Guto Moliani (CPCT/ECA-USP Sul), Marluce Zacariotti (UFT Norte), Fabio Pereira (FAC/UnB Centro-Oeste), Rafael Paes Henriques (UFES Sudeste) e Janaina Visibeli (CPCT/ECA-USP Sudeste).

Equipe de Pesquisa: Abinoan Santiago (PPGSP/UFSC), Carlos Marciano (objETHOS/UFSC), Clarissa Peixoto (objETHOS/UFSC), João Paulo Mallmann (PPGJOR/UFSC), Kalianny Bezerra (PPGJOR/UFSC), Kevin Willian Kossar Furtado (PPGSP/UFSC), Mariane Nava (PPGJOR/UFSC), Vinicius Bressan (PPGJOR/UFSC).

Bolsista de Apoio Técnico: Luisa Meurer Tavares (CNPq/UFSC).

Edição e produção gráfica

Quorum Comunicação

Capa

Rosana Pozzobon

Perfil do Jornalista do sul 2023

Características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho

Samuel Pantoja Lima (Coord. Geral)

Cesar Orlando Valente

João Victor Gobbi Cassol

Vinícius Augusto Bressan Ferreira



P438 Perfil do jornalista do Sul 2023 [recurso eletrônico] : características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho / Samuel Pantoja Lima (Coord. Geral); Cesar Orlando Valente ... [et al.]. – 1. ed. – Florianópolis : Quorum Comunicação, 2023.

Formato: PDF

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: <https://perfildojornalista.ufsc.br/>

ISBN: 978-85-63190-26-0 (e-book)

1. Jornalismo – Brasil, Sul – Pesquisa. 2. Jornalistas – Brasil, Sul – Aspectos sociodemográficos. 3. Jornalistas – Brasil, Sul – Aspectos políticos. 4. Jornalistas – Brasil, Sul – Indicadores de saúde. 5. Mercado de trabalho – Brasil, Sul – Indicadores. I. Lima, Samuel Pantoja.

CDU: 07.01-057



SUMÁRIO

SUMÁRIO	4
1 - Introdução	6
1.1 Breves notas sobre a metodologia da pesquisa	8
2 - CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS DOS JORNALISTAS	10
3. O TRABALHO DOS JORNALISTAS NA MÍDIA, FORA DA MÍDIA E NA DOCÊNCIA DA REGIÃO SUL	25
3.1 O trabalho dos jornalistas Na Mídia	25
3.2 O trabalho dos jornalistas Fora da Mídia	33
3.3 O trabalho dos jornalistas na Docência	39
4. CARACTERÍSTICAS GERAIS DO TRABALHO, INDICADORES DE SAÚDE E SEGURANÇA	44
4.1 Indicadores de saúde laboral e segurança	51
5. SATISFAÇÃO NO TRABALHO, PERSPECTIVAS DE FUTURO, CRENÇA E RELIGIÃO ...	59
5.1 Crença e Religião	70
6. CARACTERÍSTICAS POLÍTICAS DOS JORNALISTAS.....	74
7. QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO, INDICADORES DE PRECARIZAÇÃO E VALORES ÉTICOS	82
7.1 Códigos de Ética e Valores	110
7.2 Comentários e Avaliações da Pesquisa.....	118
CONSIDERAÇÕES FINAIS	132
REFERÊNCIAS	136



1. Introdução

A produção deste relatório ocorreu concomitante a um grande debate nacional sobre a possibilidade de regulamentação das plataformas digitais, no âmbito do Congresso Nacional. O Projeto de Lei 2630 (PL 2630) mobilizou os mais diversos atores da cena política, econômica e comunicacional, destacando-se entidades representativas dos/as jornalistas brasileiros, empresas de comunicação, governo federal, as próprias plataformas digitais (Google e Telegram publicaram textos com informações falsas a respeito do PL 2630), bancadas e lobbies que atuam na Câmara Federal onde o projeto ainda tramita.

A discussão sobre o papel que as plataformas digitais têm na sociabilidade primária contemporânea, que se manifesta e subsiste virtualmente, tem alcance mundial e desafia o mundo da pesquisa, colocando em xeque os mecanismos tradicionais de formação da opinião individual e coletiva e, em última análise, as chamadas "*Big Techs*" compõem um oligopólio digital, cuja matéria-prima dominante são as *fake news*, a necessidade de regulamentação se coloca como algo imperativo. É inegável que o surgimento das plataformas digitais, sobretudo a partir da criação do Facebook, em 2004, transformou o cenário da comunicação humana em escala global. Em última análise, é possível afirmar que a revolução tecnológica, iniciada nos anos 1970 com a automatização das redações, impactou profundamente o Jornalismo como forma social de conhecimento e profissão.

Há 10 anos, lançamos "Perfil do jornalista brasileiro: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012" (MICK e LIMA, 2013), com os dados resultantes de pesquisa que preencheu uma lacuna no campo de conhecimento do jornalismo no país. Até aquele momento, estimar o tamanho da categoria profissional e evidenciar as características gerais dos jornalistas brasileiros era quase adivinhação. De lá para cá, na ausência de conselho, ordem ou outro órgão de autorregulação e monitoramento da atividade profissional, as dificuldades para acompanhar as mutações na categoria persistem. O cenário do jornalismo profissional ficou sensivelmente mais complexo, tanto nas empresas de mídia tradicional como nas nascentes organizações e novos arranjos independentes (online), seja pelo fenô-



meno da precarização do trabalho, quanto pelo advento das organizações do chamado jornalismo independente, bem como a consolidação dos espaços de trabalho fora da mídia. Permanece atual o que escrevemos há quase uma década:

Poucas profissões sofreram tantas metamorfoses, nos últimos vinte anos, quanto a dos jornalistas brasileiros. Transformações estruturais do capitalismo combinaram-se à política de expansão do ensino superior, à redemocratização do país e a mudanças na regulamentação profissional e produziram um ambiente em que se reconfiguraram por inteiro as possibilidades de atuação dos jornalistas. Como resultados, as dimensões da categoria se expandiram exponencialmente, diversificaram-se as áreas de atuação desses profissionais e alteraram-se competências e habilidades deles demandadas (MICK e LIMA, 2013, p. 15).

O estudo do Perfil dos Jornalistas Brasileiros (LIMA e.a., 2022) nos permitiu identificar as características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho de cada uma das cinco regiões do país. Os dados devem compor um inédito painel comparativo entre Sul, Sudeste, Nordeste, Centro-Oeste e Norte vis-à-vis os dados do plano amostral nacional.

O estudo nacional realizado pela Rede de Estudos sobre Trabalho e Identidade dos Jornalistas (RETIJ/SBPJor), envolveu mais de 50 pesquisadores/as voluntários/as de todas as regiões brasileiras e recebeu o apoio das principais organizações nacionais da categoria: FENAJ, ABRAJI, ABI, APJor, SBPJor e ABEJ. Na Região Sul, essa rede garantiu a coleta de 1.179 respostas válidas, conforme Tabela 1.

Tabela 1: Respostas válidas da Região Sul da pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro (2021)

UF	Respostas
PR	386
SC	465
RS	328
Total	1.179



O trabalho de análise descritiva do perfil dos jornalistas da Região Sul foi produzido de forma remota por uma equipe de pesquisadores e docente vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJOR), da Universidade Federal de Santa Catarina. O relatório foi parametrizado no Perfil dos Jornalistas Brasileiros (LIMA e. a, 2022), que é tomado como referência para uma breve análise comparativa e inferências que se fizeram necessárias.

1.1 Breves notas sobre a metodologia da pesquisa

Os dados deste relatório são derivados do estudo nacional (LIMA e.a., 2022), realizado uma década após a primeira pesquisa do perfil dos jornalistas brasileiros (MICK e LIMA, 2013). A presente pesquisa seguiu à risca a experiência realizada em 2012: um survey online (enquete em rede), de participação espontânea, via internet, cuja coleta de dados foi feita entre 16 de agosto de 1º de outubro de 2021. A ampliação da rede de apoiadores institucionais, em relação à pesquisa de 2012, é a explicação para o número final de respondentes ter ultrapassado 7 mil jornalistas (com 56 respondentes que trabalhavam no exterior): todas as entidades que atuam em defesa do Jornalismo no país apoiaram ativamente o estudo, que é uma construção coletiva liderada pelo Laboratório de Sociologia do Trabalho (Lastro/UFSC). A investigação foi articulada nacionalmente pela Rede de Pesquisadores do Trabalho e Identidade no Jornalismo (RETIJ), da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor).

Por fim, ressaltamos duas questões que nos parecem relevantes do ponto de vista metodológico. A primeira diz respeito ao questionário de pesquisa, submetido a um pré-teste com cerca de 100 respondentes dos três setores profissionais (Mídia, Fora da Mídia e Docência). O instrumento foi elaborado colaborativamente pela equipe de pesquisa, formada por 17 investigadores de cinco universidades diferentes, uma em cada região do país, e buscou coletar dados em seis diferentes blocos de questões: a) características demográficas; b) características políticas; c) características gerais do trabalho; d) características específicas do trabalho dos jornalistas em cada um dos três segmentos principais da categoria: os trabalhadores em mídia, os trabalhadores fora da mídia e os docentes; e) indicadores de saúde laboral; e f) indicadores de precarização do trabalho.



A segunda tem a ver com os procedimentos metodológicos adotados nesse tipo de enquête em rede, para garantir a mobilização da categoria profissional, a partir de uma ação política de lideranças das entidades nacionais, com suas redes de contatos regionais/locais, por empresas e/ou instituições de ensino e pesquisa em jornalismo. A expertise acumulada no âmbito do Lastro/UFSC nos deu segurança para apostar nos seguintes procedimentos: a) Enquete em rede (online survey) para obtenção do maior volume possível de respostas de jornalistas em todas as unidades da federação, de participação espontânea; b) Estímulo à participação dos profissionais por meio de e-mails, redes sociais, notícias em canais especializados, página da pesquisa na internet (perfildojornalista.ufsc.br); c) Coleta de dados online, com coletores próprios para cada rede social e na página da pesquisa; d) Saneamento da base de dados (das 7.029 respostas obtidas, após o saneamento restou uma base de resposta válidas de 6.650 respostas válidas, sendo 6.594 no país e 56 de jornalistas que atuam no exterior); e) Retenção das respostas necessárias à composição de plano amostral – cujo número final foi de 3.100 respondentes (a partir da distribuição provável dos jornalistas no território nacional). Por fim, essa definição do plano amostral teve como referência o universo de mais de 142 mil jornalistas com registro profissional – entre 2000 a 2019, segundo dados da Coordenação de Identificação e Registro Profissional (CIRP/CGCIPE), à época vinculado ao ministério da Economia.



2. CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS DOS JORNALISTAS

Na Região Sul, os jornalistas que responderam à pesquisa distribuem-se com certa uniformidade. A concentração é maior no estado do Paraná (38,1%), seguido pelo Rio Grande do Sul (34,1%) e o menor percentual em Santa Catarina (27,8%).

Tabela 2: Em que estado você vive atualmente?

	Frequência	Percentual válido
Paraná	192	38.1
Rio Grande do Sul	172	34.1
Santa Catarina	140	27.8
Total	504	100.0

Ainda que não se demonstre uma diferença expressiva entre os dois gêneros tradicionais, o Feminino (57,9%) continua predominando sobre o Masculino (42,1%) – Tabela 3.

Tabela 3: Com qual gênero você se identifica?

	Frequência	Percentual válido
Feminino	292	57.9
Masculino	212	42.1
Total	504	100.0

Quanto à idade (Tabela 4), os jornalistas situam-se majoritariamente entre 23 e 50 anos. E, nesse espectro, a divisão se dá nessas três faixas: entre 31 e 40 anos (32,7%), 23 e 30 anos (24,6%) e 41 e 50 anos (20,8%). Os menores contingentes são formados pelos muito jovens (3,8% entre 18 e 22 anos) e pelos mais velhos, nas faixas entre 51 e 64 anos (15,1%) e



acima de 64 anos (apenas 3%).

Tabela 4: Você pertence a qual faixa etária?

	Frequência	Percentual válido
Entre 18 anos e 22 anos	19	3.8
Entre 23 anos e 30 anos	124	24.6
Entre 31 anos e 40 anos	165	32.7
Entre 41 anos e 50 anos	105	20.8
Entre 51 anos e 64 anos	76	15.1
Acima de 64 anos	15	3.0
Total	504	100.0

Os jornalistas da região Sul são predominantemente (e por larga margem), brancos: 89,3%. Acima de um ponto percentual estão apenas os/as que se declaram pardos/as (7,1%) e pretos/as (2,4%) – totalizando 9,5% de pessoas negras. Os amarelos/as (0,8%), indígenas (0,2%) e uma resposta no item “Outra. Qual” (“Branca no registro, mas sou morena”) completam o quadro (Tabela 5).

Tabela 5: Como você define a sua cor/raça?

	Frequência	Percentual válido
Outra. Qual?	1	0.2
Branca	450	89.3
Preta	12	2.4
Parda	36	7.1
Amarela	4	0.8
Indígena	1	0.2
Total	504	100.0



O percentual de jornalistas que vivem com companheiros/as (48,6%), como casados/as (29,4%) ou em união estável (19,2%) é ligeiramente maior que o dos que se declaram solteiros/as (43,1%). As demais situações civis são minoritárias: divorciada/o (6%), separada/o (1,8%) e "Outro. Qual?" (0,6%). Nessa opção de "outro", as três respostas indicam que estão "namorando" e sem registro civil (Tabela 6).

Tabela 6: Qual o seu estado civil?

	Frequência	Percentual válido
Outro. Qual?	3	0.6
Solteira (o)	217	43.1
Casada (o)	148	29.4
União estável	97	19.2
Separada (o)	9	1.8
Divorciada (o)	30	6.0
Total	504	100.0

A maioria dos jornalistas não têm filhos (56,7%). Entre os que têm filhos (43,3%), a maioria tem um filho (23,6%), 14,7% tem dois filhos e 5% três ou mais filhos (Tabela 7).

Tabela 7: Você tem filhos?

	Frequência	Percentual válido
Não	286	56.7
Tenho 1 filha (o)	119	23.6
Tenho 2 filhas (os)	74	14.7
Tenho 3 filhas (os)	12	2.4
Tenho mais de 2 filhas (os)	13	2.6
Total	504	100.0



A maioria dos jornalistas afirma ter registro profissional (83,7%) e 16,3% estão atuando sem o registro (Tabela 8).

Tabela 8: Você possui registro profissional de jornalista?

	Frequência	Percentual válido
Sim	422	83.7
Não	82	16.3
Total	504	100.0

O nível de escolaridade (Tabela 9) é indicador importante para o exercício do jornalismo. Um número bem pequeno tem apenas o ensino médio (0,6%). E 4% ainda estão cursando o ensino superior. Os demais concluíram o ensino superior (36,7%), têm especialização (30,6%), mestrado (14,9%), doutorado (10,3%) e pós-doutorado (3%).

Tabela 9: Qual o nível de escolaridade mais alto que você possui?

	Frequência	Percentual válido
Ensino Médio	2	0.4
Ensino Técnico	1	0.2
Ensino Superior cursando	19	3.8
Ensino Superior completo	185	36.7
Ensino Superior Tecnológico cursando	1	0.2
Especialização	154	30.6
Mestrado	75	14.9
Doutorado	52	10.3
Pós-doutorado	15	3.0
Total	504	100.0



Há um predomínio dos formados em Jornalismo ou Comunicação com habilitação em Jornalismo (95,2%). Os 4,8% restantes dividem-se entre publicidade e propaganda (3%), rádio e TV (2,6%), relações públicas (1,2%), audiovisual ou cinema (1,6%). Entre os 6% que escolheram “Outra área. Qual?”, 4 respostas indicaram Direito, duas Letras e as demais 24 opções foram respostas únicas (Tabela 10).

Tabela 10: Qual é sua área de graduação? Jornalismo ou Comunicação

	Frequência	Percentual válido
Jornalismo ou Comunicação com habilitação em Jornalismo	480	95.2
Publicidade e Propaganda	15	3.0
Rádio e TV	13	2.6
Relações Públicas	6	1.2
Audiovisual ou Cinema	8	1.6
Outra área. Qual?	30	6.0
Total de respondentes válidos	504	100.0
Total de respostas	552	

Tabela 10.1: Outra área. Qual?

	Frequência	Percentual válido
Direito	4	
Letras	2	
Respostas únicas	Administração; Administração de empresas; Análise de Sistemas; Assessoria de Comunicação; Assessoria de Imprensa; Ciências Biológicas; Ciências Sociais; Comunicação e Mídias; Comunicação institucional, assessoria de imprensa de órgão público através de concurso público; Contabilidade; Design; Diagramação; Docência; Educação; Especialização em estudos do jornalismo; Fotografia e Pós em Jornalismo; Gestão Pública; Letras; Licenciatura em História; Marketing; Normal superior séries iniciais; Pedagogia; TV.	



A maioria dos profissionais (57,7%) cursou ou está cursando instituições de ensino privadas (Tabela 11). Esse percentual é maior do que a soma dos que têm origem nas instituições públicas federais (32,3%), estaduais (11,7%) e municipais (2%). Na região Sul ainda há a participação das escolas comunitárias (6,9%) e confessionais (2%).

Tabela 11: Você cursou ou está cursando que tipo de universidade/faculdade?

	Frequência	Percentual válido
Federal	163	32.3
Privada	291	57.7
Comunitária ou similar	35	6.9
Estadual	59	11.7
Municipal	2	0.4
Confessional	10	2.0
Outro tipo. Qual?	3	0.6
Total de respondentes válidos	504	100.0

Nas perguntas relativas à qualificação e à experiência profissional (Tabela 12), há um predomínio de profissionais que foram estagiários de Jornalismo (73,1%), alguns dos respondentes eram estagiários (1,8%) no período de realização da pesquisa e 25,1% não foram estagiários/as.

Tabela 12: Você foi estagiária (o) de jornalismo?

	Frequência	Percentual válido
Não	126	25.1
Sim, já fui	366	73.1
Sim, sou estagiária (o) atualmente	9	1.8



Total	501	100.0
-------	-----	-------

Ainda que um bom número tenha sido estagiário/a, a participação em programas de treinamento de empresas jornalísticas é baixa (7,6%). A grande maioria (92,4%) não fez “trainee” em Jornalismo (Tabela 13).

Tabela 13: Você fez trainee em jornalismo?

	Frequência	Percentual válido
Não	463	92.4
Sim, já fui	38	7.6
Total	501	100.0

O tempo de profissão parece dialogar com a faixa etária - juvenilização. No entanto, se considerarmos o intervalo entre um e 10 anos de profissão, temos um índice acumulado de 42,7%: até 1 ano (5,0%), de 2 a 5 anos (19,2%) e entre 6 a 10 anos (18,5%) – Tabela 11. Na faixa de 11 a 20 anos estão distribuídos 30% da categoria: de 11 a 15 anos (17,1%) e entre 16 e 20 anos (12,9%). Entre os/as profissionais com mais tempo no trabalho concentram-se as menores taxas: de 21 a 25 anos (10,1%), entre 26 a 30 anos (5,8%) e acima 31 anos de trabalho concentram 10,5%.

Tabela 14: Por quanto tempo trabalha ou trabalhou como jornalista?
(Anos completos.)

	Frequência	Percentual válido
Até 1 ano	25	5.0
De 2 a 5 anos	97	19.2
Entre 6 e 10 anos	93	18.5
De 11 a 15 anos	86	17.1
Entre 16 e 20 anos	65	12.9



De 21 a 25 anos	51	10.1
Entre 26 a 30 anos	29	5.8
31 anos ou mais	53	10.5
Sou docente na área, mas nunca atuei como jornalista	5	1.0
Total	504	100.0

No exame da qualificação e experiência profissional, foi perguntado quantos vínculos profissionais, concomitantes ou subsequentes teve ao longo da carreira. Abrangendo todos os tipos de relacionamento trabalhista, como carteira assinada, freelancers ou contrato de Pessoa Jurídica (PJ) ou Micro Empresa Individual (MEI). Mais da metade (50,8%) teve de dois a cinco vínculos. E 30,2% teve de seis a dez. Apenas 10,1% afirma ter tido um único vínculo profissional. Os que tiveram de 11 a 15 são 5,4%, na faixa de 16 a 20 são 1,4% e 2,2% tiveram mais de 20 (Tabela 15).

Tabela 15: Ao longo da sua carreira profissional, quantos vínculos profissionais diferentes você já teve como jornalista e/ou docente (incluindo empregos com carteira assinada, freelancers ou contratos de PJ/MEI, concomitantes ou subsequentes)?

	Frequência	Percentual válido
1	51	10.1
2 a 5	256	50.8
6 a 10	152	30.2
11 a 15	27	5.4
16 a 20	7	1.4
Mais de 20	11	2.2
Total	504	100.0



Dentre os respondentes há uma predominância de jornalistas (84,3%). Os docentes de jornalismo/comunicação somam 13,5%. E alguns (2%) são estudantes, fazendo estágio ou programa de trainee. Um dos respondentes (0,2%) informa que deixou o trabalho para estudar (Tabela 16).

Tabela 16: Atualmente, você trabalha como jornalista ou como professor (a) de jornalismo ou comunicação?

	Frequência	Percentual válido
Sim, sou jornalista	425	84.3
Sim, sou docente de jornalismo/comunicação	68	13.5
Sou estudante e faço estágio ou trainee	10	2.0
Não trabalho mais como jornalista porque estou estudando	1	0.2
Total	504	100.0

O tipo de vínculo empregatício no emprego principal (Tabela 17) mostra que predomina a carteira assinada (48%), seguida, a certa distância, pelo contrato de servidor público (11,9%). Houve alguns casos das variações carteira assinada com redução de salário (1,4) e carteira assinada com período intermitente (0,4%). As relações de trabalho que não são regidas pela CLT ou o regime dos servidores públicos e que, portanto, estão mais sujeitas às flutuações do mercado e dos empregadores, somam 31,4% e englobam os autônomos, que possuem um registro de Microempreendedor Individual (8,5%), os que também atuam no serviço público, mas têm vínculo de comissionados (6,7%), freelancer (4,6%), prestam serviços sem contrato formal (3,4%), contrato público temporário (1,8%), contrato de prestação de serviços (2,8%) e pessoa jurídica (PJ) sem funcionários ou sócios (2,8%) e contrato por hora/aula (0,8%). Outras situações são as de dono ou sócio de empresa com funcionários (4,2%), bolsista ou similar decorrente de programas públicos de incentivo à docência (0,4%).



Tabela 17: Qual é o tipo de vínculo empregatício em seu trabalho principal?

	Frequência	Percentual válido
Outra. Qual?	12	2.4
Carteira assinada (CLT)	242	48.0
Carteira assinada com redução de salário	7	1.4
Carteira assinada com período intermitente	2	0.4
Servidor (a) público (a)	60	11.9
Cargo comissionado	34	6.7
Freelancer	23	4.6
Prestação de Serviço sem contrato firmado	17	3.4
Contrato por hora/aula	4	0.8
Contrato público temporário	9	1.8
Contrato de prestação de serviços	14	2.8
Dono (a) ou sócio(a) de empresa com funcionários	21	4.2
Trabalho como pessoa jurídica (PJ) (sem funcionários ou sócios)	14	2.8
Sou MEI (Microempreendedor (a) Individual)	43	8.5
Bolsista ou similar decorrente de programas públicos de incentivo à docência	2	0.4
Total	504	100.0

A questão permitia que os respondentes informassem outro vínculo, caso fosse diferente das opções oferecidas. São respostas únicas¹, várias das quais poderiam ser incluídas

1 O conjunto de menções "outro": Aposentado e Prestação de Serviços; Bolsista de comunicação; Colunista; Contrato profissional internacional PSA.NAT; dois jornalistas, sócios; Empregado público CLT; Estágio não remunerado; Microempresa com sócio e sem funcionários; não tenho vínculo empregatício e nem sou free-



nos vínculos enumerados na questão.

Quando se trata da renda bruta mensal dos jornalistas ou docentes em jornalismo (Tabela 18), vê-se que a maioria (60%) está no grupo de faixas que vão de R\$ 1.101 a R\$ 5.500. E 25,6% informam situar-se na faixa de R\$ 5.501 a R\$ 11.000. Com renda entre R\$ 11.001 a R\$ 22.000 estão 7,3%, no outro extremo, 3,8% têm renda até R\$ 1.100.

Tabela 18: Qual a sua renda bruta mensal proveniente do trabalho como jornalista ou docente em jornalismo?

	Frequência	Percentual válido
Sem renda	5	1.0
Até R\$ 1100	19	3.8
De R\$ 1101 a R\$ 2200	58	11.5
De R\$ 2201 a R\$ 3300	85	16.9
De R\$ 3301 a R\$ 4400	92	18.3
De R\$ 4401 a R\$ 5500	67	13.3
De R\$ 5501 a R\$ 11000	129	25.6
De R\$ 11001 a R\$ 22000	37	7.3
Acima de R\$ 22001	6	1.2
Não quero informar	6	1.2
Total	504	100.0

Ao serem questionados se a renda líquida mensal é suficiente para sempre arcar com suas despesas mensais (Tabela 19), 39,9% responderam afirmativamente. Em contraste, 34,8% disseram que a renda não é suficiente. E para 25,2% só “às vezes” é possível resolver

lancer. Trabalho como voluntário.; Possui empresa; Prestação de serviço com nota fiscal; termo de compromisso de estágio.



as despesas com a renda que auferem. Os 34,8% que não conseguem dividiram-se nas variações da questão: “fico sempre devendo” (9,5%), “me viro com trabalhos extras” (8,9%), “tenho apoio de companheira/o” (7,9%), “recebo apoio dos meus pais” (6,9%) e “conto com ajuda de outras pessoas” (1,6%).

Tabela 19: Sua remuneração líquida mensal é suficiente para sempre arcar com suas despesas mensais?

	Frequência	Percentual válido
Sim	201	39.9
Às vezes	127	25.2
Não, fico sempre devendo	48	9.5
Não, mas me viro com trabalhos extras	45	8.9
Não, mas tenho apoio de companheira (o)	40	7.9
Não, mas recebo suporte dos meus pais	35	6.9
Não, mas conto com ajuda de outras pessoas	8	1.6
Total	504	100.0

Como demonstrado na Tabela 19, a maioria dos respondentes têm algum tipo de dificuldade para atender seus compromissos financeiros usando apenas a renda mensal. Os benefícios trabalhistas vinculados ao emprego principal ganham, portanto, importância. Chama a atenção o fato de 40,5% dos respondentes escolherem a opção “nenhum”. Esse percentual pode ter relação com os vínculos precários de trabalho (MEI, PJ, freelancer...). Numa questão onde era possível assinalar mais de uma opção, entre os que informaram ter recebido algum benefício a mais citada foi o plano de saúde (34,7%), seguida de vale alimentação (30%), participação em lucros e resultados (12,7%) e vale refeição (12,5%).



Em “Outro. Qual?” foram citadas onze respostas únicas (2,2%)² com auxílios diferentes dos que constavam nas opções da questão (Tabela 20).

Tabela 20: Você recebe algum tipo de benefício ou suporte vinculado a sua ocupação principal?

	Frequência	Percentual válido
Plano de saúde	175	34.7
Auxílio saúde	30	6.0
Vale (ou auxílio) alimentação	151	30.0
Vale (ou auxílio) refeição	63	12.5
Vale (ou auxílio) transporte	60	11.9
Auxílio creche	23	4.6
Plano de previdência complementar	37	7.3
Participação nos lucros ou resultados	64	12.7
Incentivo à qualificação (cursos, treinamentos fora da empresa)	71	14.1
Equipamento de proteção individual compatível com o grau de risco de sua atividade	23	4.6
Apoio jurídico	18	3.6
Apoio psicoterápico	20	4.0
Treinamentos in-company relacionados à atividade que desempenha ou outros relevantes	50	9.9
Nenhum	204	40.5

2 “Outro. Qual?”: Acompanhamento nutricional e trabalho em home office quando possível; Ajuda de custo ao período de home-office. E equipamento de trabalho (computador...); Ajuda de custos - Trabalho home office; Aposentadoria; Auxílio de Custo; Auxílio de custo de teletrabalho; Auxílio emergencial; Auxílio home office; Benefício para gastos de home-office; Equipamentos como computador, licenças de programas, máquina fotográfica etc.; Plano odontológico.



Outro. Qual?	11	2.2
Total de respondentes válidos	504	100.0
Total de respostas	1481	

Quanto às formas de ingresso no trabalho atual, as respostas da região Sul têm muita semelhança percentual com as encontradas na pesquisa nacional. A forma mais citada é o processo seletivo da empresa (26,8%), seguida pela indicação de conhecidos (17,9%) e o convite (16,3%). Essas três correspondem a 61% das formas de ingresso dos jornalistas no mercado. Concurso público (13,5%) e a decisão de abrir uma empresa (8,1%) são as posições seguintes. No campo “Outro. Qual?” poucas respostas³, algumas para informar que estão sem trabalho no momento (Tabela 21).

Tabela 21: Como você ingressou em seu trabalho atual?
(Considere sua ocupação principal.)

	Frequência	Percentual válido
Outro. Qual?	7	1.4
Concurso público	68	13.5
Processo seletivo realizado pelo contratante	135	26.8
Seleção por empresa de recrutamento	9	1.8
Em continuação a estágio ou trainee	22	4.4
Indicação de amigo ou colega	90	17.9
Vínculo familiar	3	0.6
Foi convidada (o)	82	16.3
Contratação como prestador (a) de serviços	18	3.6

³ A partir do envio do currículo; Ainda antes de possuir diploma; Aplicativos de empregos; Empreendedorismo; estou sem freelas no momento; Jornalismo Comunitário; Trabalho como MEI.



Abriu uma empresa	41	8.1
Ingressou em uma iniciativa independente/alternativa de jornalismo	11	2.2
Cargo de confiança em órgão público	18	3.6
Total	504	100.0

Quanto à área de atuação a maioria dos jornalistas (47%) está na “Mídia” (em veículos de comunicação de diversos portes); outros 39,7% trabalham “Fora da Mídia” e, por fim, em “Docência” estão 13,3% (Tabela 22).

Tabela 22: Em sua ocupação principal, qual sua área de atuação?

	Frequência	Percentual válido
Mídia (imprensa, veículos de comunicação, arranjos alternativos de mídia/mídia independente, startup jornalística e/ou produção de conteúdo jornalístico)	237	47.0
Docência (formação superior de jornalistas ou outras áreas de conhecimento)	67	13.3
Fora da mídia, em outras atividades (assessoria de imprensa ou comunicação, produtoras de conteúdo para mídias digitais ou outras ações que utilizam conhecimento jornalístico)	200	39.7
Total	504	100.0



3. O TRABALHO DOS JORNALISTAS NA MÍDIA, FORA DA MÍDIA E NA DOCÊNCIA DA REGIÃO SUL

3.1 O trabalho dos jornalistas Na Mídia

No bloco de questões específicas para as/os jornalistas da Região Sul que trabalham na Mídia (Tabela 23), quase 60% trabalham em mídia online, confirmando o papel central do digital como suporte do jornalismo atualmente. Considerando que era possível assinalar mais de uma resposta, a configuração foi a seguinte: 58,6% trabalham em mídia online; 35,0% em jornal; 21,1% em TV e igual percentual em rádio; 8,9% em revista; 7,2% em agência de notícia; e 9,3% assinalaram que trabalham em outro tipo de mídia. A soma de todas essas porcentagens, 161,2%, indica que um percentual relevante dos jornalistas da região ou trabalham em mais de uma mídia, ou consideram que a mídia em que trabalham se enquadra em mais de uma categoria.

Tabela 23: Você trabalha atualmente em que tipo de mídia(s)?

	Frequência	Percentual válido
TV	50	21.1
Rádio	50	21.1
Online	139	58.6
Jornal	83	35.0
Revista	21	8.9
Agência de notícia	17	7.2
Outra. Qual?	22	9.3
Total de respondentes válidos	237	100.0
Total de respostas	619	



Os respondentes da opção “Outra” totalizaram 22 jornalistas (Tabela 23.1). A área de atuação dominante foi assessoria de comunicação e imprensa (14 respondentes), não obstante as distinções entre “assessoria de comunicação”, “assessoria de imprensa” ou ainda “assessoria de imprensa corporativa” – áreas de atuação que podemos considerar análogas e não configuram, necessariamente, uma “mídia”. As demais opções, pulverizadas apontaram para Consultoria, Conteúdo Digital/ Revista Digital, Portal de Notícias e WEBTV, Redes Sociais e Imprensa, Setor público, Divulgação Institucional em canais oficiais e Site. Aqui, há uma confusão entre “site” e “portal de notícias” que poderíamos tipificar como mídia online.

Tabela 23.1: Outra área. Qual?

	Frequência
Agência de comunicação	1
Agência de comunicação e produção de conteúdo	1
Assessoria de comunicação	1
Assessoria de Comunicação	2
Assessoria de Comunicação interna e externa ao sindicato	1
assessoria de imprensa	2
Assessoria de imprensa	3
Assessoria de Imprensa	2
Assessoria de imprensa - Empresa privada	1
Assessoria de Imprensa Corporativa	1
Assessoria de imprensa/agência de comunicação	1
Consultoria	1
Conteúdo Digital/ Revista Digital	1
Portal de Notícias e WEBTV	1
redes sociais e imprensa	1
Setor público, produzo conteúdo para divulgação institucional nos canais oficiais	1



Site

1

No que diz respeito ao perfil dessas instituições de mídia para as quais os/as jornalistas trabalham no Sul do país (Tabela 24), prevalece a empresa privada com atuação regional (34,3%), seguida de empresa privada com atuação nacional (23%); podemos destacar nesse primeiro grupo, reunindo as respostas a partir da categoria “independente” um total de 13,1% dos/as respondentes atuam em organizações de jornalismo independente – internacional (0,9%), nacional (5,2%), regional (3,5%) e local (3,5%). Na sequência, temos os outros perfis: instituição pública (11,7%), terceiro setor (4,3), empresa privada com atuação internacional (2,2% e outro (1,7%).

O conjunto das respostas da opção qualitativa (Outra. Qual?) não é relevante e se resume a poucas indicações (4 no total), distribuídas em associação, cooperativa agroindustrial com atuação nacional e internacional, entidade sindical e instituição política

Tabela 24: Como você caracteriza o perfil da instituição para a qual você trabalha? (Considere sua ocupação principal.)

	Frequência	Percentual válido
Outra. Qual?	4	1.7
Empresa privada com atuação internacional	5	2.2
Empresa privada com atuação nacional	53	23.0
Empresa privada com atuação regional	79	34.3
Empresa privada com atuação local	22	9.6
Iniciativa de jornalismo independente internacional	2	0.9
Iniciativa de jornalismo independente nacional	12	5.2
Iniciativa de jornalismo independente regional	8	3.5
Iniciativa de jornalismo independente local	8	3.5
Instituição pública	27	11.7



Instituição do terceiro setor (ONGs, Oscips, fundações etc.)	10	4.3
Total	230	100.0

Tabela 24.1: Outra. Qual?

	Frequência
Associação	1
Cooperativa Agroindustrial com atuação nacional e internacional	1
Entidade sindical	1
instituição política	1

Ao mensurar o tamanho das equipes nas quais atuam os jornalistas na mídia, na Região Sul (Tabela 25), verificamos que o grupo mais representativo é de 2 a 4 profissionais (30,4%); no polo oposto (grandes redações com mais de 51 trabalhadores), temos apenas 10,4%. Em seguida aparecem numa espécie de “empate técnico” o grupo das equipes de 5 a 10 pessoas (19,6%) e aqueles profissionais que atuam sozinhos (18,7%) – neste último caso, um sinal da fragmentação das redações e de vínculos precários como MEI e contratos de prestação de serviço sem direitos sociais. Por fim, aparecem os tamanhos de equipe intermediários de 11 a 20 profissionais com 12,6% e entre 21 a 50 pessoas com 8,3%.

Agrupamos, por fim, as respostas à questão em dois grandes grupos: o primeiro, das pequenas equipes (até 10 jornalistas); e o segundo, das equipes médias ou grandes (11 jornalistas ou mais). O resultado desse exercício revela que mais de dois terços (68,7%) da categoria estão no primeiro grupo, enquanto 31,3% - pouco menos de 1/3 – atuam em médias e grandes redações. É possível afirmar que esse dado indica a tendência à reconfiguração dos ambientes de trabalhos, transitando de grandes redações para espaços médios e pequenos, prevalecendo equipes com até 10 (dez) jornalistas na Região Sul.



Tabela 25: Quantas (os) jornalistas trabalham com você?

	Frequência	Percentual válido
Só você	43	18.7
De 2 a 4	70	30.4
De 5 a 10	45	19.6
De 11 a 20	29	12.6
De 21 a 50	19	8.3
Acima de 51	24	10.4
Total	230	100.0

A resposta sobre a função (Tabela 26) é um indicador relevante das transformações pelas quais passa a profissão de jornalista, aqui e globalmente. No caso da Região Sul, o primeiro desenho nos oferece as seguintes respostas, em ordem decrescente: 30,4% dos respondentes cravou a função de repórter; 21,3% são editores; 8,7% responderam que são produtores; 7% chefes de redação e 6,1% são coordenadores/as. As demais funções veem na sequência com percentuais menores – gestor, âncora, gestor de redes sociais, repórter fotográfico, colunista, repórter cinematográfico entre outras.

Tabela 26: Qual é a sua função?

	Frequência	Percentual válido
Outra. Qual?	18	7.8
Repórter	70	30.4
Repórter fotográfica (o)	3	1.3
Repórter cinematográfica (o)	2	0.9
Editor (a) (inclui editor (a) executivo (a) e editor (a) assistente)	49	21.3
Chefe de redação	16	7.0



Consultor (a)	1	0.4
Colunista	4	1.7
Correspondente	2	0.9
Editorialista	1	0.4
Diagramador	1	0.4
Âncora	9	3.9
Produtor (a)	20	8.7
Diretor (a)/Gestor (a)	12	5.2
Coordenador(a)	14	6.1
Gestor (a) de redes sociais	8	3.5
Total	230	100.0

Apenas 18 jornalistas responderam à questão aberta (Outra. Qual?). Cada um escolheu uma função aparentemente distinta (Tabela 26.1). Destacam-se algumas respostas que indicam o caráter de multifunção presente nas novas rotinas produtivas do jornalismo: “Faz tudo”; “praticamente todas”; “todas acima, exceto âncora e ilustradora”; “jornalista (produção e reportagem, editora, revisora, fotógrafa)”; “Tudo; pauteiro, faço as matérias, lanço nas redes sociais (face, insta site)”; e, “todas as anteriores”.

Tabela 26.1: Outra. Qual?

	Frequência
Analista de Comunicação	1
Assessor	1
Assessoria	1
Assessoria de Comunicação	1
Assistente de Conteúdo	1
Diretor de Imagem / Editor de Mídia Audiovisual	1



Editor de imagens	1
Estagiária	1
Faz tudo	1
Jornalista (produção e reportagem), editora, revisora, fotógrafa	1
Pauta	1
Pauteiro, repórter e web write	1
Praticamente todas	1
Redator/ produtor de conteúdo	1
Repórter, edição, colunista, pauteira	1
Todas acima, exceto âncora e ilustradora	1
Todos os anteriores	1
Tudo. Pauteiro, faco as matérias, lanço nas redes sociais (face, insta site) e logo mais impresso tb	1

Os/as respondentes também foram questionados sobre quais atividades desenvolvem em um dia normal de trabalho (Tabela 27). Essa permitia a seleção de mais de uma resposta, resultando um número de respostas maior do que 100%. As três atividades centrais, indicadas pelos/as respondentes foram: elaboração de pauta (70%), reportagem (67,4%) e edição (62,2%), ou seja, impactam diretamente à produção de notícias e conteúdo jornalístico. Na sequência, já se destaca uma nova atividade cada vez mais presente na rotina de produção de jornalistas: gestão/produção de conteúdo para redes sociais com 33,5%. Depois aparecem com o mesmo percentual as atividades de fotografia e assessoria de imprensa (27,4%). Na faixa de 20% ou pouco mais, aparecem outras atividades conexas ao labor jornalístico como por exemplo gestão de equipes (24,3%), apresentação/locução (23,5%), atividades administrativas (23%) e planejamento de projetos editoriais (22,6%). Por fim, é possível destacar ainda as atividades de comunicação interna com 15,2% das respostas.

À questão qualitativa "(Outra. Qual?) foram registradas apenas nove (9) respostas,



indicando atividades como direção de Imagem, motorista, produção de newsletters, roteiro e edição de áudio entre outras.

Tabela 27: Quais atividades você desenvolve em um dia normal de trabalho?

	Frequência	Percentual válido
Reportagem	155	67.4
Edição	143	62.2
Pauta / produção	161	70.0
Fotografia	63	27.4
Cinegrafia (captação de vídeo)	27	11.7
Diagramação / Design gráfico	26	11.3
Assessoria de imprensa	63	27.4
Gestão / Coordenação (de equipes)	56	24.3
Apresentação / Locução	54	23.5
Chefia de redação	32	13.9
Gestão / Produção de conteúdo para redes sociais	77	33.5
Planejamento de projetos editoriais	52	22.6
Atividades administrativas	53	23.0
Comunicação interna	35	15.2
Outra (s). Qual (is)?	9	3.9
Total de respondentes válidos	230	100.0
Total de respostas	1006	



Tabela 27.1: Outra (s). Qual (is)?

	Frequência
Atendimento aos clientes (anunciantes)	1
Direção de Imagem	1
Motorista	1
Produção de newsletters	1
Reportagem, Diagramação, Edição, Fotografia, Chefia de redação, etc.	1
Revisão de texto e de diagramação	1
Roteiro	1
Roteiro e edição de áudio	1
Tudo. Pauteiro, faco as matérias, lanço nas redes sociais (face, insta site) e logo mais impresso tb	1

3.2 O trabalho dos jornalistas fora da Mídia

Mais de metade dos jornalistas brasileiros que atuam Fora da Mídia na Região Sul do Brasil (51%) indicou que seu trabalho principal é em uma organização de assessoria de imprensa, instituições privadas que tem o diálogo com veículos de imprensa como atividade principal; o número não inclui, portanto, profissionais que trabalham com assessoria *in house*, ou seja, dentro da própria instituição assessorada (Tabela 28).

Outros números significativos dentro do grupo profissional são os de jornalistas que trabalham em empresas ou órgãos públicos (17,7%) e em agências de comunicação (10,1%). Os demais jornalistas que trabalham fora da mídia estão em organizações do terceiro setor ou da sociedade civil (7,6%), em outras instituições privadas diferente das especificadas (6,1%) e em agências de publicidade (4,5%). Os 3% de respondentes que indicaram outros espaços de trabalho afirmaram atuar em sindicato ou cooperativa.



Tabela 28: Em que ramo de atuação você exerce sua atividade principal?

	Frequência	Percentual válido
Outro. Qual?	6	3.0
Assessoria de imprensa	101	51.0
Agência de comunicação	20	10.1
Agência de publicidade	9	4.5
Outras instituições privadas	12	6.1
Empresas ou órgãos públicos	35	17.7
Organizações do terceiro setor ou da sociedade civil	15	7.6
Total	198	100.0

Dentre os jornalistas que atuam neste segmento, 55,6% estão na iniciativa privada, 16,2% trabalham em grandes empresas privadas, com os demais profissionais que atuam no setor privado bastante distribuídos em organizações pequenas (12,1%), de médio porte (11,6%), no grupo dos microempreendedores individuais (8,1%) e nas microempresas (7,6%). Já os 33,6% que atuam em entidades públicas estão divididos entre 13,1% em instituições municipais, 10,6% tanto em instituições estaduais quanto também em federais e um pequeno contingente de 0,5% em instituições públicas internacionais. A parcela restante (9,6%) trabalha em instituições de propriedade mista público-privada (Tabela 29).

Tabela 29: Como você caracteriza o perfil da instituição na qual trabalha?
(Considere sua ocupação principal.)

	Frequência	Percentual válido
Microempreendedor (a) Individual	16	8.1
Microempresa privada	15	7.6
Pequena empresa privada	24	12.1
Média empresa privada	23	11.6



Grande empresa privada	32	16.2
Instituição pública municipal	26	13.1
Instituição pública estadual	21	10.6
Instituição pública federal	21	10.6
Instituição pública internacional	1	0.5
Propriedade mista (público-privada)	19	9.6
Total	198	100.0

Dentre os 37,9% de jornalistas fora da mídia que atuam em órgãos públicos no Sul do Brasil, 20,5% estão no Poder Executivo, 8,9% no Legislativo e 0,5% no Ministério Público. Uma parcela de 7,9% dos profissionais da região trabalha em outros órgãos como autarquias, defensorias, tribunais de contas e uma série de outros. Destaca-se o dado de quase dois terços dos respondentes (62,1%) não trabalham em órgão público (Tabela 30).

Tabela 30: Se você atua em órgão público, por favor, indique qual poder.

	Frequência	Percentual válido
Outro (especifique)	15	7.9
Não atuo em órgão público	118	62.1
Legislativo	17	8.9
Executivo	39	20.5
Ministério Público	1	0.5
Total	190	100.0

No tocante ao tamanho das equipes, 94,4% dos profissionais que trabalham fora da mídia na região são ou os únicos jornalistas de suas equipes (39,4%) ou estão em equipes pequenas de até 10 pessoas, sendo 40,4% com até 4 outros jornalistas e 14,6% entre 5 e 10



profissionais. Em equipes com 11 a 20 profissionais estão 4% e em times acima dessa quantidade estão outros 1,5% dos jornalistas do Sul (Tabela 31).

Tabela 31: Quantas (os) jornalistas trabalham com você?

	Frequência	Percentual válido
Só você	78	39.4
De 2 a 4	80	40.4
De 5 a 10	29	14.6
De 11 a 20	8	4.0
De 21 a 50	3	1.5
Total	198	100.0

As funções mais comuns entre jornalistas Fora da Mídia são três: a mais corriqueira dentre elas é a assessoria de imprensa/comunicação (48,5%), seguida de produção de conteúdo (20,2%) e da gestão da área de comunicação (12,6%). Nas demais atividades destacam-se a gestão de conteúdos (3,5%) e a função normalmente considerada típica do trabalho na mídia, de repórter (3%). As respostas que indicam outras funções (5,1%), majoritariamente dão maior especificidade às atividades desses jornalistas, incluindo relatos de acúmulo do que normalmente seriam consideradas diferentes funções (Tabela 32).

Tabela 32: Qual é a sua função?

	Frequência	Percentual válido
Outra. Qual?	10	5.1
Assessor (a) de imprensa/comunicação (atendimento)	96	48.5
Produtor (a) de conteúdo	40	20.2
Gestor (a) de área e/ou de comunicação	25	12.6
Sócia (o) ou sócio (a)-diretor (a)	3	1.5



Gestor (a) de conteúdos	7	3.5
Gerente/monitoramento de redes sociais	3	1.5
Marketing digital e/ou Inbound Marketing	3	1.5
Repórter	6	3.0
Designer/Diagramador (a)	2	1.0
Editor (a)	3	1.5
Total	198	100.0

Tabela 32.1: Outra. Qual?

	Frequência
Assessor de Comunicação, Fotógrafo, Diagramador, Monitoramento de Redes Sociais, Diagramador, Editor	1
Assessora de Comunicação (Multitarefa: fotógrafa, repórter, produtora de conteúdo para redes sociais, etc, etc, etc...)	1
assessora de imprensa, produtora de conteúdo, fotógrafa, editora, designer e diagramadora	1
Coordenador de comunicação, oficialmente	1
Diretor-geral adjunto	1
Editor de vídeo	1
Jornalista	1
Redatora	1
Técnico em comunicação	1
Várias destas funções acima	1

Respondendo à questão sobre as atividades exercidas, a mais citada (89,9%) foi que parte das tarefas diárias envolve a produção de conteúdo (Tabela 33). Depois dela, a atividade mais citada foi o atendimento de assessoria de imprensa ou de comunicação (80,3%) em seus diferentes formatos. A terceira atividade mais exercida é o monitoramento de redes



sociais (59,1%) seguido de gestão de conteúdos (51%) englobando pensamento e planejamento como parte das atividades cotidianas. Depois dessas atividades principalmente vinculadas ao universo digital, com exceção da atividade de atendimento de assessoria, vem em sequência atividades mais tradicionalmente associadas à profissão, como gestão da área e/ou comunicação (47,5%), reportagem (46,5%), edição (46%) e fotografia (44,4%).

Tabela 33: Quais as atividades que você exerce em um dia normal de trabalho?

	Frequência	Percentual válido
Assessor de imprensa/comunicação (atendimento)	159	80.3
Produção de conteúdo	178	89.9
Gestão de área e/ou comunicação	94	47.5
Consultoria	35	17.7
Planejamento de negócios	19	9.6
Gestão de conteúdos	101	51.0
Gestão de projetos	46	23.2
Monitoramento de redes sociais	117	59.1
Marketing digital e/ou Inbound Marketing	65	32.8
Relações Públicas	54	27.3
Reportagem	92	46.5
Fotografia	88	44.4
Cinegrafia	20	10.1
Design gráfico	47	23.7
Edição	91	46.0
Outra (s). Qual (is)?	13	6.6
Total de respondentes válidos	198	100.0
Total de respostas	1219	



3.3 O trabalho dos jornalistas na Docência

A quase totalidade (95,5%) dos jornalistas que trabalham na docência na Região Sul estão vinculados a departamentos e/ou curso de Jornalismo ou Comunicação Social (com habilitação em Jornalismo), como demonstra a Tabela 34. Some-se a isso, quase um terço (31,8%) dos respondentes atuam em “Outros departamentos de Comunicação Social (Publicidade, Relações Públicas, Rádio e TV etc.)”. As demais respostas se distribuem em áreas como Ciências Sociais Aplicadas (exceto Comunicação ou Jornalismo, com 7,6%), Ciências Humanas e Linguística (3,0%), Letras e Artes (3,0%). Apenas dois respondentes registraram a opção “Outra. Qual?”. Como a questão admitia múltiplas respostas, o somatório é maior que 100%.

Tabela 34: Em que área do conhecimento você atua como professor (a) atualmente?

	Frequência	Percentual válido
Jornalismo ou Comunicação Social com habilitação em Jornalismo	63	95.5
Outros departamentos de Comunicação Social (Publicidade, Relações Públicas, Rádio e TV etc)	21	31.8
Ciências Sociais Aplicadas (exceto Comunicação ou Jornalismo)	5	7.6
Ciências Humanas	2	3.0
Linguística, Letras e Artes	2	3.0
Outra. Qual?	2	3.0
Total de respondentes válidos	66	100.0
Total de respostas	161	



Com relação ao tempo de atuação como professor/a de jornalismo, as respostas foram relativamente bem distribuídas (Tabela 35), não obstante quase metade dos/as docentes (46,9%) se concentram nas faixas que vão dos sete aos 20 anos de trabalho. Em seguida, é possível agrupar a faixa acima dos 21 anos de trabalho (25,8%) e finalmente nas frequências de início de carreira (entre um a seis anos) temos 22,8% dos/as docentes do Sul. Na faixa superior aos 30 anos de carreira temos 6,1% dos respondentes.

Tabela 35: Por quanto tempo você trabalha como professor (a) de jornalismo?

	Frequência	Percentual válido
Menos de 1 ano	2	3.0
1 a 3 anos	4	6.1
4 a 6 anos	11	16.7
7 a 10 anos	13	19.7
11 a 15 anos	9	13.6
16 a 20 anos	9	13.6
21 a 25 anos	9	13.6
26 a 30 anos	4	6.1
mais de 30 anos	4	6.1
Nunca lectionei em jornalismo	1	1.5
Total	66	100.0

A maioria dos/as docentes da região trabalham em equipes de cinco a 10 colegas (42,4%), como demonstram os dados da Tabela 36. Na frequência subsequente estão concentrados outros 36,4% dos/as jornalistas. Pequenas equipes (de 2 a 4 pessoas) foram apontadas por 12,1% dos docentes e em grandes equipes (de 21 a 50) apenas 9,1%.



Tabela 36: Quantas (os) professores graduadas (os) em Jornalismo ou com habilitação em Jornalismo trabalham com você?

	Frequência	Percentual válido
De 2 a 4	8	12.1
De 5 a 10	28	42.4
De 11 a 20	24	36.4
De 21 a 50	6	9.1
Total	66	100.0

Mais da metade dos/as docentes trabalham em instituições de ensino públicas (51,5%): 37,9% em universidades federais e outros 13,6% em universidades estaduais (Tabela 37). Outros/as 22,7% atuam em universidades comunitárias ou similares; em instituições privadas atuam 13,6% dos docentes da região. As demais frequências contemplam, em ordem decrescente, as opções centro de ensino superior privado (12,1%), universidade confessional (7,6%), faculdade de iniciativa privada (3,0%), faculdade comunitária ou similar (1,5%) e centro de ensino superior confessional (1,5%).

Tabela 37: Em que tipo de instituição de ensino superior você trabalha?

	Frequência	Percentual válido
Universidade Federal	25	37.9
Universidade de Iniciativa Privada	9	13.6
Universidade Comunitária ou similar	15	22.7
Universidade Estadual	9	13.6
Universidade Confessional	5	7.6
Faculdade de Iniciativa Privada	2	3.0
Faculdade Comunitária ou similar	1	1.5



Centro de Ensino Superior Privado	8	12.1
Centro de Ensino Superior Confessional	1	1.5
Total de respondentes válidos	66	100.0
Total de respostas	141	

Quase dois terços dos/as docentes da região não atuam na pós-graduação *stricto sensu* (63,6%). No entanto, um em cada quatro atuam em programas de pós na área de jornalismo (7,6%) e comunicação (19,7%). Os demais se concentram em áreas correlatas como Ciências Sociais Aplicadas (exceto Comunicação ou Jornalismo, com 4,5%) e Ciências Humanas (4,5%). Houve ainda duas respostas na opção qualitativa (Outra. Qual): uma para um programa de pós em Letras e outra para um mestrado em Gestão de Políticas Públicas (Tabela 38).

Tabela 38: Você está vinculada(o) como docente à pós-graduação *strictu sensu*?

	Frequência	Percentual válido
Não	42	63.6
Sim, em Jornalismo	5	7.6
Sim, na área da Comunicação	13	19.7
Sim, na área de Ciências Sociais Aplicadas (exceto Comunicação ou Jornalismo)	3	4.5
Sim, nas Ciências Humanas	3	4.5
Sim, em outra (s) área (s) do conhecimento. Qual (is)?	2	3.0
Total de respondentes válidos	66	100.0
Total de respostas	68	



Tabela 38.1: Outra área. Qual?

	Frequência
Letras	1
Mestrado em Gestão de Políticas Públicas	1



4. CARACTERÍSTICAS GERAIS DO TRABALHO, INDICADORES DE SAÚDE E SEGURANÇA

Quase 60% dos/as jornalistas da Região Sul têm entre 1 a 6 anos em seu trabalho principal (59,9%), distribuídos em até 1 ano (23,5%), entre 1 e 3 anos (23,1%) e de 3 a 6 anos (13,3%) – ver Tabela 39. Nas faixas seguintes, com maior tempo de atividade profissional, 15,5% haviam ingressado em seu trabalho principal entre 10 e 20 anos antes e outros 15,1% estão no grupo de 6 a 10 anos. Nas faixas de maior longevidade entre 20 a 30 anos; e com mais de 30 anos) concentram-se 8,8% da categoria.

Tabela 39: Você está há quanto tempo no seu trabalho principal?

	Frequência	Percentual válido
Outro (especifique)	3	0.6
Até 1 ano	115	23.5
Entre 1 e 3 anos	113	23.1
De 3 a 6 anos	65	13.3
Entre 6 e 10 anos	74	15.1
De 10 a 20 anos	76	15.5
Entre 20 e 30 anos	29	5.9
Mais de 30 anos	14	2.9
Total	489	100.0

Quanto ao local de trabalho, quase 60% dos/as jornalistas afirmaram que, nos últimos seis meses, executaram seu principal trabalho em casa (Tabela 40). O segundo maior percentual é o grupo consideravelmente menor de 28% dos/as jornalistas que exerciam seu trabalho principal na empresa ou em outro local definido como local de trabalho. Em seguida, e ainda com uma fatia relativamente relevante é o de 8,4% que trabalham “parte em casa e outra parte do tempo na organização”, no que se convencionou chamar de “modelo



híbrido". Os grupos restantes com pequenas porcentagens são os dos que trabalham em outro local público (1,8%) ou privado (1,2%) com acesso à Internet e os que optaram pela questão aberta – Outro. Qual? (1,2%).

Tabela 40: Considerando os últimos seis meses, onde você executa seu trabalho principal na maior parte do tempo?

	Frequência	Percentual válido
Outro. Onde?	6	1.2
Em casa	290	59.3
Em empresa ou outro local de trabalho	137	28.0
Em local público com acesso à Internet	9	1.8
Em local privado com acesso à Internet	6	1.2
Parte em casa e outra parte do tempo na organização em que trabalho	41	8.4
Total	489	100.0

Em relação a quem custeia as ferramentas de trabalho de jornalistas, questão com vínculo direto à dimensão do *home office*, mais da metade dos/as jornalistas da Região Sul (51,7%) pagou pelos próprios equipamentos durante os seis meses anteriores à pesquisa (Tabela 41). Outros 35,4% têm essa infraestrutura custeada por quem a emprega e ainda existe um grupo menor, mas ainda considerável de 12,3% de profissionais para quem o gasto dos equipamentos é dividido entre si mesmo e o empregador. A questão é fechada pelos 0,4% que receberam esse custeio de familiares e 0,2% que responderam "Outro. Qual?"



Tabela 41: Os equipamentos, móveis, softwares e outros itens necessários para seu trabalho foram pagos por quem? (Considere os últimos seis meses e o lugar onde você passa mais tempo trabalhando.)

	Frequência	Percentual válido
Outro. Qual?	1	0.2
Instituição/empresa para a qual trabalho	173	35.4
Por mim mesma (o)	253	51.7
Parte por mim e parte pela instituição contratante	60	12.3
Por familiares	2	0.4
Total	489	100.0

A maioria (52,6%) dos profissionais jornalistas no Sul do Brasil têm exatamente um trabalho ou fonte de renda (Tabela 42). Os grupos vão se reduzindo conforme o número de fontes de renda aumenta, com 28% da categoria tendo dois e 9% com três. Em relação ao desemprego entre a categoria na região, 4,9% não possuem nenhuma fonte de renda. Há ainda 3,7% de freelancers (3,7%). Por fim, ainda existe um pequeno grupo de jornalistas (1,8%) que indicou possuir quatro ou mais empregos/fontes de renda.

Tabela 42: Incluindo sua ocupação principal, quantos empregos (ou fontes de renda) diferentes você tem atualmente?

	Frequência	Percentual válido
Um	257	52.6
Dois	137	28.0
Três	44	9.0
Quatro ou mais	9	1.8
Atuo como freelancer	18	3.7



Nenhum	24	4.9
Total	489	100.0

Perguntados sobre qual a natureza do segundo emprego quando essa situação existia, 43,27% dos jornalistas da Região Sul foi que a atividade secundária era em áreas fora da mídia, que demandam conhecimento jornalístico (Tabela 43). Outros 31,25% dos profissionais têm trabalhos na mídia como segundo emprego e o terceiro maior grupo é o daqueles que respondeu que têm uma outra fonte de renda sem qualquer relação com o jornalismo (16,35%). O quadro é completado por jornalistas com atividade secundária na docência (7,69%) e ainda o grupo daqueles que responderam possuir apenas um trabalho (6,25%).

Tabela 43: Se você tem mais de um emprego ou fonte de renda, qual a área de atuação da atividade secundária?

	Frequência	Percentual válido
Só tenho um trabalho	13	6.25
Mídia (veículos de comunicação, produtoras de conteúdo jornalístico etc.)	65	31.25
Docência (na formação superior de jornalistas ou outras áreas de conhecimento)	16	7.69
Fora da mídia, em outras atividades (assessoria de imprensa ou comunicação ou outras ações que utilizam conhecimento jornalístico)	90	43.27
Fora do jornalismo ou qualquer função relacionada a ele. Qual área?	34	16.35
Total de respondentes válidos	208	100.0
Total de respostas	426	



Tabela 43.1: Fora do jornalismo ou qualquer função relacionada a ele. Qual área?

	Frequência
Administração	1
aposentadoria	1
Aposentadoria	1
Aposentadoria e renda de terra havida por herança	1
artesanato	1
Audiovisual, Design gráfico e fotografia	1
Bolsa da universidade	1
Bolsista em segunda graduação	1
Consultoria imobiliária	1
Contabilidade	1
Curso de ensino médio	1
Direção de cena	1
Edição de vídeos em geral	1
Editoração, design gráfico, gestão de mídias sociais, venda de produtos pela internet (Mercado Livre, OLX, Shopee)	1
Empreendedorismo	1
Fotografia	1
Freelancer	1
Gestão esportiva/pública	1
Ilustração	1
Imóvel	1
Loja de calçados	1
Marketing digital	1



moda	1
Música	1
Página na internet sobre jornalismo gastronômico	1
produção de textos e diagramação como freelancer	1
Relações Governamentais	1
Revisão ortográfica	1
Sou aposentado por 35 anos de trabalho e tenho uma renda extra de aluguel de um apartamento.	1
Sou doutoranda e pesquisadora, mas não estudo jornalismo	1
Técnico bancário	1
Tenho uma editora de vidros	1
Trabalho como jornalista e tenho já, a aposentadoria.	1
Tradução	1

O indicador de jornada de trabalho se destaca no panorama da precarização do trabalho jornalístico, no contexto geral (Tabela 44) e considerando a jornada de trabalho regular de 5h/dia. Quase 3 em cada 4 jornalistas da região trabalham entre 7h e 12h diárias (73,9%), ou seja, é possível afirmar que temos uma bomba etária de efeito retardado sobre um quadro juvenil e predominantemente feminino da categoria. Dentro do que seria a jornada de trabalho (até 6h/dia) temos 22,8% dos profissionais. Há ainda os espantosos 3,4% que trabalham acima das 13h diárias.

Tabela 44: Em média quantas horas você trabalha por dia?

	Frequência	Percentual válido
Até 4 horas	21	4.8
De 5 a 6 horas	79	18.0
Entre 7 e 8 horas	177	40.2



De 9 a 10 horas	113	25.7
Entre 11 e 12 horas	35	8.0
13 horas ou mais	15	3.4
Total	440	100.0

Em relação à forma como o grupo de jornalistas da Região Sul se divide em relação às folgas de trabalho, o maior segmento da categoria é o que tem 8 folgas mensais (35,2%). Em sequência vem o grupo de profissionais com 4 folgas mensais, enquadrando 20,9%, portanto os dois grupos combinados representam mais da metade da categoria. Os outros dois grupos maiores são os que têm 6 folgas (11,6%) e que combinado aos que recebem 5 (5,5%) e 7 (1,1%) folgas demonstra uma parcela de 18,2% que tem um número intermediário de folgas entre os dois anteriores (8 e 4 folgas), e os que têm 2 folgas mensais (10,7%) que combinado àqueles com nenhuma (7,5%), 1 (1,8%) e 3 (1,4%) folgas representa 21,4% com menos de 4 folgas por mês. Os grupos restantes são 1,8% com 12, 1,4% com 9 e 1,1% com 10 folgas (Tabela 45).

Tabela 45: Em geral, quantas folgas você tem em um mês de trabalho (ao menos 24h de descanso ininterruptas)?

	Frequência	Percentual válido
0	33	7.5
1	8	1.8
2	47	10.7
3	6	1.4
4	92	20.9
5	24	5.5
6	51	11.6
7	5	1.1
8	155	35.2



9	6	1.4
10	5	1.1
12	8	1.8
Total	440	100.0

4.1 Indicadores de saúde laboral e segurança

A percepção de estresse entre os jornalistas da Região Sul é quase dois terços (62,7%), enquanto mais de um terço (35,2%) já foram diagnosticados com estresse. Contudo, quando a questão se refere ao diagnóstico de algum transtorno mental relacionado ao trabalho, exatos 20,0% dos/as jornalistas responderam afirmativamente (Tabelas 46, 47 e 48).

Tabela 46: Você se sente estressada (o) no trabalho?

	Frequência	Percentual válido
Sim	276	62.7
Não	164	37.3
Total	440	100.0

Tabela 47: Você já foi diagnosticada (o) com estresse?

	Frequência	Percentual válido
Sim	155	35.2
Não	285	64.8
Total	440	100.0



Tabela 48: Você já foi diagnosticada (o) com algum transtorno mental relacionado ao seu trabalho?

	Frequência	Percentual válido
Sim	88	20.0
Não	352	80.0
Total	440	100.0

O número de jornalistas que já receberam indicação para tomar antidepressivos chegou aos 32,5% - praticamente um em cada três; 18,6% já foram diagnosticados com algum sintoma de LER/DORT; e, por último, 5,2%% já tiveram que recorrer à licença de trabalho saúde por LER/DORT (Tabelas 49 a 51).

Quando se trata do reconhecimento dos seus esforços no trabalho, mais da metade dos/as jornalistas responderam que "não" (53,4%), enquanto outros 46,6% afirmaram que "sim". São devidamente reconhecidos, enquanto a maioria (55,8%) avalia que seus esforços não são reconhecidos. Finalmente, para quase 3 em cada 4 jornalistas (73,4%%) é comum trabalhar mais que o período contratado, por meio de horas extras (Tabelas 52 e 53).

Tabela 49: Você já recebeu indicação para tomar antidepressivos?

	Frequência	Percentual válido
Sim	143	32.5
Não	297	67.5
Total	440	100.0

Tabela 50: Você já foi diagnosticada (o) com algum sintoma de LER/DORT?

	Frequência	Percentual válido
Sim	82	18.6
Não	358	81.4



Total	440	100.0
-------	-----	-------

Tabela 51: Você já precisou pegar licença do trabalho por problemas de LER/DORT?

	Frequência	Percentual válido
Sim	23	5.2
Não	417	94.8
Total	440	100.0

Tabela 52: Você considera que seus esforços no trabalho são devidamente reconhecidos?

	Frequência	Percentual válido
Sim	205	46.6
Não	235	53.4
Total	440	100.0

Tabela 53: É comum você trabalhar mais do que o contratado (fazer horas-extras)?

	Frequência	Percentual válido
Sim	323	73.4
Não	117	26.6
Total	440	100.0

A prática do assédio moral no trabalho foi confirmada por 41,1% dos/as jornalistas respondentes, um dado bastante relevante, ou seja, 4 em cada 10. A ocorrência de assédio sexual é registrada em 9,5% das respostas. Quanto à violência no ambiente laboral, 35,0%



afirmaram ter sofrido violência verbal no trabalho (Tabelas 54, 55 e 56)

Tabela 54: Você já sofreu assédio moral no trabalho?

	Frequência	Percentual válido
Sim	181	41.1
Não	259	58.9
Total	440	100.0

Tabela 55: Você já sofreu assédio sexual no trabalho?

	Frequência	Percentual válido
Sim	42	9.5
Não	398	90.5
Total	440	100.0

Tabela 56: Você já sofreu violência verbal no trabalho?

	Frequência	Percentual válido
Sim	154	35.0
Não	286	65.0
Total	440	100.0

É de 3,4% o percentual identificado de jornalistas atuando na Região Sul em 2021 que declara ter sido agredido fisicamente enquanto estava no trabalho ou por algum motivo decorrente do trabalho na área. Um em cada cinco (20%) trabalhadores/as já foram diagnosticados com algum tipo de transtorno mental relacionado ao trabalho. Quando o critério observado é o de ataques ou ameaças virtuais por conta do trabalho, o número de profissionais vitimados se torna exponencialmente maior e chega a quase 1 em cada 3 na categoria (31,6%). Um grupo um pouco menor do que o dos jornalistas da região atacados



virtualmente é o dos que afirmam que em algum momento já tiveram sua atividade digital vigiada ou monitorada por seus superiores, que representa 27% da categoria. Ainda acerca da experiência dos profissionais do Sul com sua chefia, quase metade (45,5%) afirmou que já foi constrangido por gestores ou superiores (Tabelas 57 a 60).

Tabela 57: Você já foi agredida (o) fisicamente no trabalho ou em decorrência dele?

	Frequência	Percentual válido
Sim	15	3.4
Não	425	96.6
Total	440	100.0

Tabela 58: Você já sofreu ataques ou ameaças virtuais devido ao seu trabalho?

	Frequência	Percentual válido
Sim	139	31.6
Não	301	68.4
Total	440	100.0

Tabela 59: Você já sofreu vigilância/monitoramento digital por superiores hierárquicos?

	Frequência	Percentual válido
Sim	119	27.0
Não	321	73.0
Total	440	100.0



Tabela 60: Você já foi constrangida(o)
no trabalho por gestores ou superiores?

	Frequência	Percentual válido
Sim	200	45.5
Não	240	54.5
Total	440	100.0

Em relação à experiência de lidar com a violência enquanto executam o próprio trabalho, mais de 1 em cada 5 jornalistas da Região Sul afirma que já exerceu suas atividades profissionais sob algum tipo de coação (20,5%). Já o número de trabalhadores da categoria que deixaram de exercer suas atividades por recearem sofrer algum tipo de retaliação é ainda maior, 38,2%. Apesar desses números muito significativos, a parcela de jornalistas atuando na região que já fez denúncia formal de assédio, ameaça ou agressão é pequena: apenas 8,9% do grupo (Tabelas 61 a 63).

Tabela 61: Você já realizou alguma atividade
profissional sob algum tipo de coação?

	Frequência	Percentual válido
Sim	90	20.5
Não	350	79.5
Total	440	100.0

Tabela 62: Você já deixou de realizar alguma
atividade profissional por receio de sofrer retaliação?

	Frequência	Percentual válido
Sim	168	38.2



Não	272	61.8
Total	440	100.0

Tabela 63: Você já formalizou denúncia em relação a algum tipo de assédio, ameaça ou agressão?

	Frequência	Percentual válido
Sim	39	8.9
Não	401	91.1
Total	440	100.0

À parte da experiência de violência sofrida diretamente, existe também uma pequena parcela da categoria (5,7%) que já chegou a ter seus familiares ameaçados por conta do próprio trabalho como jornalistas. Além disso, os participantes da pesquisa também responderam sobre a experiência de ver colegas jornalistas sofrendo assédio moral, o que já aconteceu com quase metade deles (49,8%). O número de profissionais da Região Sul que informa ter presenciado casos de assédio sexual se aproxima de um quinto de todos eles (17,7%) – ver Tabelas 64 a 66.

Tabela 64: Seus familiares já sofreram ataques ou ameaças devido ao seu trabalho?

	Frequência	Percentual válido
Sim	25	5.7
Não	415	94.3
Total	440	100.0



Tabela 65: Você já presenciou alguma situação de assédio moral no trabalho contra colega/conhecida(o)?

	Frequência	Percentual válido
Sim	219	49.8
Não	221	50.2
Total	440	100.0

Tabela 66: Você já presenciou alguma situação de assédio sexual no trabalho contra colega/conhecida(o)?

	Frequência	Percentual válido
Sim	78	17.7
Não	362	82.3
Total	440	100.0



5. SATISFAÇÃO NO TRABALHO, PERSPECTIVAS DE FUTURO, CRENÇA E RELIGIÃO

Perguntados sobre o quão satisfeitos se sentiam com as possibilidades de promoção em seu trabalho atual, os maiores grupos de jornalistas da Região Sul são os que se consideram satisfeitos (26,6%) e aqueles que não estavam satisfeitos nem insatisfeitos (25,7%). Insatisfeitos estavam 16,4% do grupo e houve também um grupo significativo de profissionais (14,5%) que respondeu que a pergunta não se aplicava. Houveram também 10,5% dos respondentes que se identificaram como muito insatisfeitos, totalizando 26,9% quando somados aos insatisfeitos. Já os que se consideraram muito satisfeitos foram 6,4% do grupo, que somados aos satisfeitos representam 33%. (Tabelas 67.1 a 67.15)

Tabela 67.1: Possibilidades de Promoção

	Frequência	Percentual válido
Muito satisfeita (o)	28	6.4
Satisfeita (o)	117	26.6
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	113	25.7
Insatisfeita (o)	72	16.4
Muito insatisfeita (o)	46	10.5
Não se aplica	64	14.5
Total	440	100.0

O indicador de satisfação em relação às atividades profissionais que realizam aponta mais da metade dos jornalistas que atuam no Sul como satisfeitos (54,1%). Os que se encontram na posição intermediária de nem satisfeitos, nem insatisfeitos são 18,2%. Depois há ainda um grupo significativo de 15,5% dos profissionais que estão muito satisfeitos, o que somado aos satisfeitos chega a 69,6% do total, enquanto os grupos que se declararam insatisfeitos (8,6%) e muito insatisfeitos (2,5%) somam apenas 11,1%. Completa o grupo uma



pequena parcela de 1,1% dos participantes da pesquisa que considerou que a pergunta não se aplicava.

Tabela 67.2: Funções que realiza (tipo de trabalho)

	Frequência	Percentual válido
Muito satisfeita (o)	68	15.5
Satisfeita (o)	238	54.1
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	80	18.2
Insatisfeita (o)	38	8.6
Muito insatisfeita (o)	11	2.5
Não se aplica	5	1.1
Total	440	100.0

Tratando do tema da carga horária de trabalho 37,3% disseram estar satisfeitos, o maior grupo novamente seguido pelos que não estão nenhuma das coisas, insatisfeitos ou satisfeitos (26,4%). O grupo dos que se declararam insatisfeitos é de 16,6%. 11,6% estavam muito satisfeitos, portanto 48,9% quando somados aos satisfeitos, e 7% estavam muito insatisfeitos, portanto 23,6% se somados aos insatisfeitos. Novamente 1,1% responderam que a pergunta não se aplicava.

Tabela 67.3: Carga de trabalho

	Frequência	Percentual válido
Muito satisfeita (o)	51	11.6
Satisfeita (o)	164	37.3
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	116	26.4
Insatisfeita (o)	73	16.6
Muito insatisfeita (o)	31	7.0



Não se aplica	5	1.1
Total	440	100.0

Quando a pergunta foi sobre a intensidade da rotina de trabalho a sequência dos grupos, do maior para o menor foi a mesma da questão anterior. 37,7% dos jornalistas da Região Sul disseram estar satisfeitos; 25% nem satisfeitos nem insatisfeitos; 19,8% insatisfeitos; 8,6% muito satisfeitos; e 8% muito insatisfeitos, além de 0,9% que considerou o questionamento não aplicável. A soma dos grupos de satisfeitos e muito satisfeitos nesse caso era de 46,3% e a de insatisfeitos e muito insatisfeitos era de 27,8%.

Tabela 67.4: Intensidade da rotina

	Frequência	Percentual válido
Muito satisfeita (o)	38	8.6
Satisfeita (o)	166	37.7
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	110	25.0
Insatisfeita (o)	87	19.8
Muito insatisfeita (o)	35	8.0
Não se aplica	4	0.9
Total	440	100.0

Em geral os jornalistas da região Sul avaliam positivamente a carga horária de suas jornadas laborais, já que 40,2% se dizem satisfeitos e 9,8% estão muito satisfeitos (Tabela 67.5). Há uma parcela de 24,5% que não está nem satisfeita, nem insatisfeita com a carga horária, enquanto que 16,1% estão insatisfeitos e 7% indicaram estar muito insatisfeitos com as horas de trabalho.



Tabela 67.5: Jornada laboral (horas trabalhadas/escala)

	Frequência	Percentual válido
Muito satisfeita (o)	43	9.8
Satisfeita (o)	177	40.2
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	108	24.5
Insatisfeita (o)	71	16.1
Muito insatisfeita (o)	31	7.0
Não se aplica	10	2.3
Total	440	100.0

A avaliação sobre a remuneração é bastante equilibrada na região Sul (Tabela 67.6). Enquanto 30,5% afirmam estar satisfeitos com os salários, outros 30,7% se dizem insatisfeitos e 18,6% não estão nem satisfeitos, nem insatisfeitos. A concentração de respondentes nos extremos é que indica uma tendência à insatisfação com a remuneração, já que 5,9% se dizem muito satisfeitos, enquanto 13% estão muito insatisfeitos.

Tabela 67.6: Remuneração

	Frequência	Percentual válido
Muito satisfeita (o)	26	5.9
Satisfeita (o)	134	30.5
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	82	18.6
Insatisfeita (o)	135	30.7
Muito insatisfeita (o)	57	13.0
Não se aplica	6	1.4
Total	440	100.0



Predomina a insatisfação em relação aos benefícios não salariais oferecidos aos jornalistas na região Sul. Quase metade (46,6%) dos respondentes estão insatisfeitos (26,1%) ou muito insatisfeitos (20,5%) com os benefícios, em contraposição aos 36,8% que afirmam estar satisfeitos (22,3% satisfeitos e 4,5% muito satisfeitos). Há, ainda, 18,2% nem satisfeitos, nem insatisfeitos.

Tabela 67.7: Outros benefícios não salariais

	Frequência	Percentual válido
Muito satisfeita (o)	20	4.5
Satisfeita (o)	98	22.3
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	80	18.2
Insatisfeita (o)	115	26.1
Muito insatisfeita (o)	90	20.5
Não se aplica	37	8.4
Total	440	100.0

As respostas atinentes ao relacionamento interpessoal no ambiente de trabalho apontam para a satisfação dos jornalistas da região Sul com seus colegas. Cerca de seis em cada 10 jornalistas (63,4%) se dizem muito satisfeitos (19,5%) ou satisfeito (43,9%). Outros 19,8% não estão nem satisfeitos, nem insatisfeitos, enquanto 10% estão insatisfeitos e 4,5%, muito insatisfeitos (Tabela 67.8).

Tabela 67.8: Relações interpessoais no trabalho

	Frequência	Percentual válido
Muito satisfeita (o)	86	19.5
Satisfeita (o)	193	43.9
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	87	19.8



Insatisfeita (o)	44	10.0
Muito insatisfeita (o)	20	4.5
Não se aplica	10	2.3
Total	440	100.0

O nível satisfação dos jornalistas da região Sul em relação à experiência profissional demonstra uma tendência predominantemente positiva: 28% relataram estar muito satisfeitos com sua experiência profissional, enquanto 55,7% disseram estar satisfeitos. Um grupo menor, representando 10,9% dos participantes, afirmou estar nem satisfeito, nem insatisfeito. Por outro lado, apenas 3,6% dos participantes expressaram insatisfação, sendo que 0,7% afirmou estar muito insatisfeito (Tabela 67.9).

Tabela 67.9: Experiência profissional

	Frequência	Percentual válido
Muito satisfeita (o)	123	28.0
Satisfeita (o)	245	55.7
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	48	10.9
Insatisfeita (o)	16	3.6
Muito insatisfeita (o)	3	0.7
Não se aplica	5	1.1
Total	440	100.0

Em relação à linha editorial ou segmento de atuação, 26,1% dos jornalistas da região Sul afirmaram estar muito satisfeitos, enquanto 38,4% indicaram estar satisfeitos. Um grupo de 18,6% dos participantes relatou estar nem satisfeito, nem insatisfeito, enquanto 7,7% disseram estar insatisfeitos e 4.3% expressaram estar muito insatisfeitos (Tabela 67.10).



Tabela 67.10: Linha editorial ou segmento de atuação

	Frequência	Percentual válido
Muito satisfeita (o)	115	26.1
Satisfeita (o)	169	38.4
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	82	18.6
Insatisfeita (o)	34	7.7
Muito insatisfeita (o)	19	4.3
Não se aplica	21	4.8
Total	440	100.0

Os jornalistas da região Sul em geral compartilham dos valores e princípios das organizações em que atuam, indicam os níveis de satisfação deles em relação a esse tópico (Tabela 67.11). Estão muito satisfeitos com os princípios e valores de suas empresas 23,6% dos respondentes, e outros 35,2% afirmam estar satisfeitos. Por outro lado, 11,4% estão insatisfeitos e 5,7% muito insatisfeitos. Entre os satisfeitos e os insatisfeitos, estão 20,7%.

Tabela 67.11: Princípios e valores da empresa/organização

	Frequência	Percentual válido
Muito satisfeita (o)	104	23.6
Satisfeita (o)	155	35.2
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	91	20.7
Insatisfeita (o)	50	11.4
Muito insatisfeita (o)	25	5.7
Não se aplica	15	3.4
Total	440	100.0



Ainda que quase um terço (31,4%) dos jornalistas da região Sul esteja indiferente ao nível de prestígio social de que gozam, a maior parte dos entrevistados está satisfeita (35,7%) ou muito satisfeita (15,2%) com o status social que sua atuação profissional concede. Apenas 13,1% estão descontentes, divididos entre 9,5% insatisfeitos e 3,6% muito insatisfeitos (Tabela 67.12).

Tabela 67.12: Prestígio social

	Frequência	Percentual válido
Muito satisfeita (o)	67	15.2
Satisfeita (o)	157	35.7
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	138	31.4
Insatisfeita (o)	42	9.5
Muito insatisfeita (o)	16	3.6
Não se aplica	20	4.5
Total	440	100.0

Ao considerar profissionais que atuam em todas as áreas do jornalismo (na mídia, fora da mídia e docência) na região Sul do país, é possível observar que em geral eles estão satisfeitos com o poder de influência que seu trabalho exerce em assuntos públicos (Tabela 67.13). Quase seis em cada 10 (57,4%) estão satisfeitos (38,9%) ou muito satisfeitos (17,5%) com esse poder de influência, mas 25,5% não estão nem satisfeitos, nem insatisfeitos. A insatisfação com o poder de influência é comum para 10,2% dos respondentes, e outros 3,4% estão muito insatisfeitos.



Tabela 67.13: Possibilidade de influenciar em assuntos públicos

	Frequência	Percentual válido
Muito satisfeita (o)	77	17.5
Satisfeita (o)	171	38.9
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	112	25.5
Insatisfeita (o)	45	10.2
Muito insatisfeita (o)	15	3.4
Não se aplica	20	4.5
Total	440	100.0

Ainda que um terço (33%) dos jornalistas da região Sul estejam satisfeitos e 13,9% digam estar muito satisfeitos com as possibilidades de realizar formações continuadas, como especializações, é importante observar que 14,8% dos respondentes estão insatisfeitos e 5,5% muito insatisfeitos com tais oportunidades – ou com a falta delas. O percentual de 26,4% que não está nem satisfeito, nem insatisfeito, demonstra que a satisfação referente às capacitações não é um aspecto resolvido entre os jornalistas da região Sul, cabendo averiguar as razões que levam a esse cenário que varia entre satisfação e insatisfação (Tabela 67.14).

Tabela 67.14: Possibilidade de desenvolver uma especialização ou aprimoramento profissional

	Frequência	Percentual válido
Muito satisfeita (o)	61	13.9
Satisfeita (o)	145	33.0
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	116	26.4
Insatisfeita (o)	65	14.8



Muito insatisfeita (o)	24	5.5
Não se aplica	29	6.6
Total	440	100.0

Quando se trata da qualidade de vida em relação ao seu trabalho atual, predomina a satisfação entre os jornalistas da região Sul: 47,7% deles se declaram satisfeitos (38,6% satisfeitos e 9,1% muito satisfeitos). Outros 21,8% se consideram insatisfeitos (15,2% insatisfeitos e 6,6% muito insatisfeitos), enquanto 29,5% afirmam que nem estão satisfeitos nem insatisfeitos (Tabela 67.15).

Tabela 67.15: Qualidade de vida

	Frequência	Percentual válido
Muito satisfeita (o)	40	9.1
Satisfeita (o)	170	38.6
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	130	29.5
Insatisfeita (o)	67	15.2
Muito insatisfeita (o)	29	6.6
Não se aplica	4	0.9
Total	440	100.0

Condiz com o aparente nível de satisfação dos jornalistas da região Sul a projeção de futuro deles para o período de um a dois anos, já que a maior parte (35,2%) deseja seguir na mesma organização em que está e nas funções que exerce atualmente. Muitos também querem seguir na organização atual e buscam ser promovidos (15,9%), ou então almejam entrar em uma organização de maior porte (15,5%). Aspiram à docência em uma instituição pública 7,5% dos jornalistas da região Sul (Tabela 68)

Há, por outro lado, um grupo significativo de 16,5% dos respondentes que deseja



deixar carreira atual, dentre os quais se destacam aqueles que pretendem abandonar o jornalismo (7,7%), os que desejam atuar como jornalista profissional contratado (4,5%), no serviço público em funções jornalísticas (2,5%) ou como docente (1,8%). Ainda, 4,5% dos jornalistas da região Sul pretendem se aposentar em breve.

Por fim, nas respostas registradas pelos 4,8% que assinalaram a opção “Outro”, é possível perceber, com alguma segurança, que há dois grupos predominantes: aqueles que desejam iniciar empreendimentos no jornalismo ou aprimorar seus negócios já existentes, e aqueles que pensam em seguir na organização atual, mas mudar de ocupação ou buscar novas capacitações.

Tabela 68: Qual é o seu projeto em relação à sua atuação profissional em um futuro próximo (um a dois anos)?

	Frequência	Percentual válido
Seguir na mesma organização em que estou e nas funções que exerço	155	35.2
Seguir na organização que estou e ser promovida (o)	70	15.9
Entrar em uma organização de maior porte	68	15.5
Ingressar na carreira pública como docente	33	7.5
Deixar a carreira atual e ingressar no serviço público em funções jornalísticas	11	2.5
Deixar a carreira atual e atuar como jornalista profissional contratada (o)	20	4.5
Deixar a carreira atual e atuar como docente	8	1.8
Deixar a carreira atual e atuar em funções não-jornalísticas	34	7.7
Pretendo me aposentar em breve	20	4.5
Outro. Qual?	21	4.8
Total	440	100.0



Tabela 68.1: Outro. Qual?

Objetivo geral	Descrições
Empreender	Ampliar o programa que tenho em parceria com um sócio. E ampliar a remuneração/Empreender/Estou iniciando um negócio em jornalismo, mas ainda em fase de prototipagem/ seguir em meu próprio negócio jornalístico (que já existe mas ainda não dá lucro)/ Transformar o atual em contratação profissional e expandir a atuação como MEI/viver da minha própria agência
Mudar de ocupação ou buscar novas capacitações	Buscar outro campo/Ir embora do país para atuar como pesquisadora/Mudar de carreira e me tornar professor de Português/Seguir atuando onde estou, mas conseguir realizar uma formação em outra área/Seguir na mesma organização e sair de função administrativa/. Seguir na mesma organização, com ampliação de equipe/. Seguir na organização em que estou, mas mudar de função/ Tornar-me bolsista e dedicar-me exclusivamente ao Doutorado em Ciências da Comunicação. Deixando a docência de lado por um tempo.
Outro	Entrar na mídia independente/Freelancer/Indefinido/Sabático/Trabalhar com cooperativa de jornalismo/Trabalhar como documentarista

5.1 Crença e Religião

Em relação a questões de fé, 56,8% dos jornalistas da região Sul disseram ser adeptos de algum tipo de culto ou religião, enquanto 23,2% se identificam como agnósticos e 20% se dizem ateus. Aqueles que afirmaram ser adeptos de algum tipo de religião, fé ou culto também foram questionados sobre a qual grupo são filiados, podendo responder livremente (Tabela 69).

Tabela 69: Você é adepta (o) de alguma fé, religião ou culto?

	Frequência	Percentual válido
Sim. Qual (is)?	250	56.8



Não, sou ateu/ateia	88	20.0
Não, sou agnóstico/agnóstica	102	23.2
Total	440	100.0

Agrupadas e contabilizadas as respostas enviadas pelos 56,8% de jornalistas da região Sul que têm algum tipo de religião, culto ou fé, foi possível identificar 17 formas religiosas (Tabela 72). Metade (50%) dos respondentes com algum tipo de crença se diz católico⁴. Depois, aparecem as menções ao espiritismo/espíritas⁵ (16,4%), cristianismo/cristãos⁶(10,4%), evangélicos⁷ (5,2%), umbanda/umbandista (4,4%) e espiritualistas (1,6%). Jornalistas que afirmam ter fé ou espiritualidade, mas não se identificam com nenhuma religião são 0,8%. ⁸Com apenas uma menção cada estão as respostas que indicam budismo, Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, luterano, protestante, crê em Deus, religião de ma-

4 Entre as respostas categorizadas como do grupo de católicos, há cinco participantes que afirmaram ser católicos não-praticantes e um que disse ser católico praticante de uma nova comunidade.

5 Entre as respostas categorizadas como espíritas/espiritismo, há dois participantes que afirmaram ser espíritas kardecistas, uma resposta para "Doutrina Espirita", e uma para "espírita, prioritariamente, com abertura espiritualista mais ampla".

6 Houve uma resposta "cristão que não defende o que os atuais cristão defendem".

7 Foram incluídas nessa categoria duas respostas "Cristão Evangélico".

8 Nesse grupo foram incluídas as respostas "só fé" e "Tenho fé/espiritualidade, mas não pratico nenhuma religião."



triz africana, judaísmo, hinduísmo e panteísmo. Além destes, 5,2% dos respondentes disseram ter duas⁹ ou mais¹⁰ crenças, 1,6% foi categorizado como Outros¹¹ e 0,8% como Indefinidos¹².

Tabela 72: Sim. Qual(is)?

	Frequência	Percentual válido
Igreja Católica/Catolicismo/Católico	125	50.0
Espírita/Espiritismo	41	16.4
Cristãos/Cristianismo	26	10.4
Evangélico	13	5.2
Umbanda/Umbandista	11	4.4
Espiritualismo/Espiritualista	4	1.6
Tem fé/espiritualidade	2	0.8
Budismo	1	0.4
Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias	1	0.4
Luterano	1	0.4
Protestante	1	0.4
Acredita em Deus	1	0.4
Religião de matriz africana	1	0.4

9 Foram agrupadas na categoria de Dupla pertença as seguintes composições religiosas: três respostas para catolicismo e umbanda, duas para catolicismo e espiritismo, uma para catolicismo e Sukyo Mahikari, uma para espiritismo e budismo, uma para umbanda e espiritismo, e uma para umbanda e Daimista.

10 Foram agrupadas na categoria de Múltipla pertença as seguintes respostas: "Acredito em várias religiões", "católico, umbanda, espiritismo", "Não possuo uma religião, mas sou uma curiosa e costumo dizer que sou adepta do sincretismo religioso", "sigo rituais em diferentes linhas espirituais".

11 Foram categorizados como Outros as respostas que não fazem referência direta a alguma religião, mas a filosofias ou práticas religiosas. Foram quatro as respostas inseridas nessa categoria, uma indicando a prática da yoga, uma indicando o brasilianismo, uma resposta dizendo acreditar na força da ancestralidade e da natureza e uma resposta "te interessa?".

12 Na categoria Indefinidos foram agrupadas duas respostas: "indefinido" e "sem religião específica".



Judaísmo	1	0.4
Hinduísmo	1	0.4
Panteísmo	1	0.4
Dupla ou múltipla pertença	13	5.2
Outros	4	1.6
Indefinido	2	0.8
Total	250	100



6. CARACTERÍSTICAS POLÍTICAS DOS JORNALISTAS

Questionados sobre a filiação sindical, 38% dos jornalistas da região Sul afirmam ser sindicalizados, enquanto 62% dizem não ser filiados a tais organizações. Embora a proporção de sindicalizados seja minoritária, ela é proporcionalmente maior que a média aferida entre os jornalistas de todo o país, entre os quais a taxa de sindicalização é de 31,4% (Tabela 73).

Tabela 73: Você é filiada(o) a algum sindicato

	Frequência	Percentual válido
Sim	167	38.0
Não	273	62.0
Total	440	100.0

No grupo dos jornalistas sindicalizados na Região Sul, 78,4% deles estão filiados ao sindicato dos jornalistas e há 18,6% filiados a sindicatos de professores. Ainda, 13,6% estão associados a outras entidades sindicais, a maioria delas ligada ao serviço público, seja ele municipal, estadual ou federal (Tabela 74).

Tabela 74: A qual (is) sindicato você é filiada (o)?
(É possível assinalar mais de uma opção.)

	Frequência	Percentual válido
Sindicato de jornalistas	131	78.4
Sindicato de professores	31	18.6
Sindicato de outra categoria. Qual?	23	13.8
Total de respostas válidas	167	100.0
Total de respostas	185	



Tabela 74.1: Sindicato de outra categoria. Qual?

	Frequência
Aptafurg	1
Associação Brasileira de Antro	1
Municipários	1
Portuários	1
Radialistas	1
Semapi	1
Servidores da Defensoria Pública do RS	1
Servidores públicos	1
Sinasefe-SC	1
Sindicatários	1
Sindicato dos Radialistas	1
Sindicato dos servidores federais da instituição em que atuou.	1
Sindicato dos Servidores Públicos da minha região - SINDIFOZ	1
Sindicato dos Servidores Públicos Estaduais	1
Sindicato dos Trabalhadores da UFSC	1
Sindicato dos trabalhadores em processamento de dados	1
Sindicato dos Trabalhadores em Urbanização do Estado do Paraná	1
Sindocatários	1
Sinep vales	1
Sinpaf	1
Técnico-administrativos em Educação de Nível Superios (Atens)	1



Trabalhadores do Judiciário Federal	1
Trabalhadores em sindicatos	1

Entre a parcela dos que não estão sindicalizados, a principal justificativa apontada por eles para a não filiação é a falta de interesse (38,1% das respostas), seguida pela percepção de que o sindicato não responde às demandas específicas de sua área de atuação (26,7%) e pelo fato de o entrevistado não conhecer o sindicato (20,9%). Ainda, 5,9% indicaram que a diretoria da organização sindical não representa a categoria e 2,6% que os diretores dificultam a sindicalização. Dos 273 respondentes que não estão sindicalizados, 50 deles (18,3%) assinalaram a opção “Outra(s) razões” para explicar sua não filiação, e então foram convidados a escreverem quais eram essas razões. Diante das 46 respostas válidas enviadas, foi possível observar quatro conjuntos de razões, sendo elas: custo elevado para sindicalização (17 respostas) baixa representatividade da organização (10 respostas), falta de tempo para se filiar (cinco respostas) e outras (14 respostas). Houve, ainda, uma resposta indicando tanto o custo elevado quanto a baixa representatividade¹³.

Tabela 75: Por que você não é filiada (o) ao sindicato da sua categoria?

	Frequência	Percentual válido
Não tenho interesse	104	38.1
Não conheço o sindicato	57	20.9
Não existe sindicato para minha categoria	1	0.4
Sindicato não responde às demandas específicas da minha área de atuação	73	26.7
Diretoria do sindicato não representa a categoria	16	5.9

¹³Além das respostas descritas na tabela, houve uma outra que se refere tanto à categoria Custo quanto à categoria Representatividade: “Questões financeiras, e desânimo pois não tem uma representatividade lutando pela obrigatoriedade do diploma. Qualquer um pode atuar como jornalista e isso desanima após a formação.”



Diretoria dificulta sindicalização	7	2.6
Outra (s) razão (ões). Qual (is)?	50	18.3
Total de respondentes válidos	273	100.0
Total de respostas	308	

Tabela 75.1: Outra (s) razão (ões). Qual (is)?

	Razão	Frequência
A contribuição sindical comprometeria meu orçamento/Como sou trabalho apenas como freelancer, não consigo pagar a mensalidade sindical atualmente/ Custo/ Custo da sindicalização/ Fui sindicalizado por um tempo, mas não consegui pagar a taxa e acabei despriorizando essa vinculação. Mas sigo acompanhando o trabalho do sindicato./ Já fui filiado, deixei de ser por uma questão de economia em um momento de crise financeira/ Já fui sindicalizado. Hoje, qualquer grana faz falta./ Muito caro/ Necessidade de contribuição financeira e pouco retorno (ganhos) das ações sindicais/ Questões financeiras do momento/ Sempre falta dinheiro/ Valor/ valor da contribuição ao sindicato	Custo	17 respostas
Atuação política desvirtua função do sindicato./ Atuação político-partidária do sindicato contrária às minhas ideias/ estou em uma instituição não regida pela CLT/ Excesso de corporativismo em detrimento do interesse público/ Falta de unidade./ Falta posicionamento mais enfático	Representatividade	10 respostas



<p>nas negociações em prol dos Jornalistas e atuação imparcial com os veículos de comunicação./ Não existe atuação no interior./ Não sei se serei bem recebido no sindicato por aceitar trabalhar como PJ/ Representatividade/ Respeito, mas acredito que o sindicato precisa conhecer melhor a realidade atua da categoria.</p>		
<p>Falta de tempo./ Não tenho tempo para me envolver/ Pandemia bagunçou um pouco as coisas, faltou tirar tempo para ir atrás disso (fica em outra cidade)/ Quero me filiar mas não tenho tempo/ Tempo.</p>	<p>Falta de tempo</p>	<p>5 respostas</p>
<p>Ainda não sou formada/ Desde que ingressei no cargo, não tive contato com ninguém do Sindicato. Mas avalio como importante a participação/ Estava filiado a sindicato dos professores. Pretendo voltar ao sindicato dos jornalistas./ Falta de cultura de participação./ Faltou um detalhe para se filiar/ Não consegui ainda os documentos necessários/ Não sei/ No momento não, mas pretendo fazer parte/ nunca fui motivado a participar./ Por ainda estar em estágio./ Simplesmente não me filiei/ Sindicato não oferece benefícios diversos como cursos, etc./ Sobrecarga de trabalho/ Tenho interesse, porém ainda não realizei a filiação</p>	<p>Outras</p>	<p>14 respostas</p>

Em relação à filiação partidária, 88,3% dos jornalistas da região Sul afirmaram não ser filiados a nenhum partido político. Dentre os entrevistados que indicaram pertencer a um partido político (11,7%), foram observadas diferentes afiliações, com o PT sendo o partido



mais mencionado (4,6%), seguido pelo PSOL (2,1%), MDB, (1,6%) e PDT, com 0,9%. O restante dos partidos listados possui percentuais menores, variando de 0,2% a 0,7% (Tabela 76).

Tabela 76: Você é filiada (o) a algum partido político? Se sim, indique qual

	Frequência	Percentual válido
Não sou filiada (o) a partido político	384	88.3
MDB	7	1.6
NOVO	1	0.2
PCB	1	0.2
PCdoB	1	0.2
PDT	4	0.9
PODE	1	0.2
PSB	3	0.7
PSD	1	0.2
PSDB	2	0.5
PSOL	9	2.1
PSTU	1	0.2
PT	20	4.6
Total	435	100.0

Perguntados sobre como definem seu posicionamento ideológico, os jornalistas da região Sul indicaram uma tendência à identificação com o campo da esquerda. Dos 435 respondentes, 199 (45,7%) se identificam como de esquerda e 119 (27,4%), como de centro-esquerda. Depois, aparecem os grupos que se identificam como sendo de centro (25 respostas ou 5,7%), centro direita (17 respostas ou 3,9%), extrema esquerda (14 respostas ou



3,2%) e direita (oito respostas ou 1,8%). Ainda, 41 respondentes (9,4%) optaram por não informar e 12 (2,8%) mencionaram outras ideologias. Nesse último grupo, se destacam respostas de jornalistas que não se identificaram com nenhuma das opções, que afirmaram não ter posicionamento pré-definido ou que discordam das alternativas elencadas para aferir o posicionamento ideológico.

Tabela 77: Como você define seu posicionamento ideológico?

	Frequência	Percentual válido
Outro. Qual?	12	2.8
Centro	25	5.7
Centro-direita	17	3.9
Centro-esquerda	119	27.4
Direita	8	1.8
Esquerda	199	45.7
Extrema esquerda	14	3.2
Não quero informar	41	9.4
Total	435	100.0

Outro aspecto político sobre o qual os jornalistas da região Sul foram questionados diz respeito à atuação em organizações sociais e associações (Tabela 78). Há paridade entre aqueles que disseram não estar atuando, mas que já atuaram nesse segmento (34,9%) e aqueles que nunca atuaram em movimentos sociais (32,6%), o que significa que 67,5% dos respondentes está desvinculada de qualquer atuação em organizações sociais. Os que estão ativos nessa atuação social o fazem principalmente em entidades ligadas à cultura e recreação (7,6%), desenvolvimento e defesa de direitos (6,7%), educação e pesquisa (6,4) e religião (6,2%). Houve 22 respostas que indicaram outro segmento, dentre as quais é possível notar a menções principalmente a organizações de defesa dos direitos das mulheres, negros e



LGBTQIA+, entidades sindicais e religiosas.¹⁴

Tabela 78: Você atua em algum tipo de associação ou organização social?
Se sim, indique qual (is). (É possível assinalar mais de uma resposta.)

	Frequência	Percentual válido
Não atuo, mas já atuei	152	34.9
Nunca atuei	142	32.6
Sim, Assistência social	24	5.5
Sim, Associações patronais e/ou profissionais	22	5.1
Sim, Cultura e recreação	33	7.6
Sim, Desenvolvimento e defesa de direitos	29	6.7
Sim, Educação e pesquisa	28	6.4
Sim, Habitação	5	1.1
Sim, Meio ambiente	20	4.6
Sim, Proteção animal	10	2.3
Sim, Religião	27	6.2
Sim, Saúde	11	2.5
Sim, em outro segmento. Qual?	22	5.1
Total de respondentes válidos	435	100.0
Total de respostas	1486	

14 As respostas enviadas no segmento outro foram: Associação Riograndense de Imprensa - ARI/Centro de apoio ao trabalhador estrangeiro/Comunicação Comunitaria/Desenvolvimento de liderança e assistência/Entidade sindical/Feminismo/Filhas de Jó Internacional - ordem paramaçônica/Fórum pela Democracia/Inclusão social/Justiceiras, uma força tarefa para ajudar e salvar mulheres que estão sofrendo violências./Migração/Movimento de Mulheres e LGBT/Movimento Escoteiro/Movimento Negro, MST, Movimento LGBTQIA+, Feminista/Movimentos feministas e LGBTQIA+/partido político/Político/Promoção da Agroecologia/Rotary/Sindicato de Trabalhadores/Sindicato dos Jornalistas/Sindicato.



7. QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO, INDICADORES DE PRECARIZAÇÃO E VALORES ÉTICOS

A seguir, são apresentadas informações sobre a profissão dos/das companheiros/as dos jornalistas que disseram morar junto com seus parceiros/as (Tabela 79). Esse grupo que reside junto com seus parceiros representa 58,9% do total de respostas, enquanto 41,1% dos respondentes disseram viver sozinhos, uma relação um tanto diferente do que se observa no cenário nacional, em que a proporção daqueles que vivem é quase equânime a daqueles que moram sozinhos (51,8% e 48,2%, respectivamente).

Sobre a profissão dos parceiros que moram com os jornalistas (Tabela 79.1), é possível observar alguns grandes grupos de ocupações, categorizações feitas a partir de respostas escritas pelos participantes: jornalismo (28 respostas), negócios (21 respostas), tecnologias e engenharia (17 respostas), educação e docência (14 respostas), e medicina e saúde (14 respostas). No segundo plano, com 10 respostas ou menos, encontramos outras atividades de comunicação, serviço público e agricultura e agropecuária, mas também um conjunto de respostas de difícil agregação, que foi categorizada enquanto outras profissões. Dentre todas essas categorias, a mais numerosa delas é o de jornalismo, mostrando que em geral os parceiros/as dos jornalistas da região Sul participantes da pesquisa também atuam no campo jornalístico – um cenário que também se repete no contexto nacional.

Tabela 79: Se você for casada (o) ou vive com companheiro (a), indique a profissão dele (a):

	Frequência	Percentual válido
Parceira (o) trabalha com (digite o nome da profissão):	196	58.9
Vivo sozinha (o)	137	41.1
Total	333	100.0



Tabela 79.1: Parceira (o) trabalha com (digite o nome da profissão):

Categoria		Frequência
Jornalismo	Jornalismo11/Jornalista14/ jornalismo-comunicação digital/ jornalista e artista plástico/ Jornalismo e estuda Direito	28 respostas
Negócios	Administração2/ Administradora/ Administrador de empresas/ Administrador de Empresas, professor de curso técnico, mentor metacognitivo/ área administrativa/ Assistente administrativa/ Diretora comercial/ Comércio/ Consultor/ Empresária3/ Empreendedora/ Gerente de atendimento/ Gerente de Inovação/ MEI alimentação/ Microempresário/ Pequeno comércio/ Vendas/ Vendedora	21 respostas
Tecnologias e Engenharia	Análise e desenvolvimento de sistemas/ Empreiteiro/ Engenheiro2/ Engenheiro de TI/ Engenheiro eletricista/ Engenheiro Metalurgista/ Engenheiro e músico/ Engenheiro- professor/ Programação de software/ Programador de TI/ Projetista Mecânico/ Scrum master/ Tecnologia da informação2/ Técnico em Telecomunicações	17 respostas
Educação e Docência	Docência2/ Docente2/ Docente universitária/ Magistério/ Professor3/ Professora3/ Professor aposentado/ Professor ensino superior aposentado	14 respostas
Medicina e saúde	Biomédica2/ Enfermeira/ Enfermeira Aposentada/ Farmacêutica/ Fisioterapeuta/ Médico/ Médica veterinária/ Psicanálise / Psicóloga3/ Radiologista/ Terapeuta Ocupacional	14 respostas
Outras atividades de comunicação	Analista de marketing2/ Coordenadora de Redes Sociais/ Designer/ Designer gráfico/ edição de texto/ Fotografia/ Fotógrafo/ Revisão de texto/ Relações públicas	10 respostas
Serviço público	Analista jurídico da Defensoria Pública do RS/ Assessor parlamentar/ Funcionária pública3/ Funcionário público2/ / Serviço público na assistência social/ Servidor Público Federal/ Servidor Público Municipal	10 respostas



Agricultura e agropecuária	Agroecologia/ Agrônomo/ Agropecuária/ Consultor técnico agropecuário/ Medicina veterinária2/ Tecnologia para agronegócio/ Veterinária	8 respostas
Outras profissões e ocupações	Aposentada3/ Analista tributária/ Aeronauta/ Assistência Social/ Assistente Social aposentada/ Advogada/ Advogado3/ Aula de idiomas/ Autônomo/ Arquitetura/ Arquiteta/ Arquiteto/ Artista plástica, astróloga e naturopata/ Chef cozinha/ Bancário/ Dança/ Design de jogos/ Designer de moda/ Designer de produtos/ Eletricista/ Estudante/ Logística/ Operação na indústria/ Policial pena/ portuárioPesquisa científica/ Qualidade no atendimento/ Reservas on-line para hotel e airbnb/ Socióloga/ Técnica judiciária/ Tradução2/ Química.	37 respostas

A partir de agora, serão analisadas descritivamente as percepções dos jornalistas da Região Sul sobre suas condições de trabalho, colhidas a partir do método de mensuração de escala Likert. Aos participantes da pesquisa foram apresentados diversos enunciados referentes à temas como intensidade da rotina de trabalho, autonomia no ambiente laboral e estrutura técnica disponibilizada pela organização, a partir sobre os quais os respondentes deveriam assinalar seu grau de concordância ou discordância.

Questionados sobre a intensidade do ritmo de trabalho (Tabela 80.1), a maioria dos jornalistas (44,2%) concorda totalmente que o ritmo de trabalho é muito intenso e 29,5% concordam parcialmente com essa afirmação. Isso indica que cerca de sete a cada 10 jornalistas entrevistados (73,7%) reconhece e experimenta um ritmo de trabalho intenso em suas atividades profissionais. Do outro lado estão 13,8% dos participantes que discordam parcial ou totalmente que o ritmo de trabalho é intenso, com 8,5% discordando parcialmente e 5,3% discordando totalmente.

Tabela 80.1: O ritmo de trabalho é muito intenso

	Frequência	Percentual válido
Concordo totalmente	151	44.2



Concordo parcialmente	101	29.5
Nem concordo, nem discordo	38	11.1
Discordo parcialmente	29	8.5
Discordo totalmente	18	5.3
Não se aplica	5	1.5
Total	342	100.0

Quase sete a cada 10 dos participantes (67,2%) concordam que as tarefas são sempre cumpridas com pressão de prazos, um grupo que é formado por 29,8% que concordam totalmente e 37,4% que concordam parcialmente. Enquanto isso, 10,8% discordam parcialmente e 5,2%, totalmente. Outros 14% nem concordam, nem discordam que as tarefas são sempre cumpridas com pressão de prazos (Tabela 80.2).

Tabela 80.2: As tarefas sempre são cumpridas com pressão de prazos

	Frequência	Percentual válido
Concordo totalmente	102	29.8
Concordo parcialmente	128	37.4
Nem concordo, nem discordo	48	14.0
Discordo parcialmente	37	10.8
Discordo totalmente	18	5.3
Não se aplica	9	2.6
Total	342	100.0

Os jornalistas da região também foram questionados se a quantidade de pessoas que na equipe é suficiente para realizar as atividades, um indicador que ajuda a mensurar eventual sobrecarga sobre os profissionais (Tabela 80.3). Em geral, os entrevistados concordam que o número de pessoas na equipe é insuficiente para realizar as atividades, com



36,8% concordando totalmente e 29,2%, parcialmente. A proporção daqueles que discordam é de 17,9%, sendo 12,3% em discordância parcial e 5,6% em discordância total. Ainda, 12,3% nem concordam, nem discordam.

Tabela 80.3: O número de pessoas na equipe é insuficiente para realizar as atividades

	Frequência	Percentual válido
Concordo totalmente	126	36.8
Concordo parcialmente	100	29.2
Nem concordo, nem discordo	38	11.1
Discordo parcialmente	42	12.3
Discordo totalmente	19	5.6
Não se aplica	17	5.0
Total	342	100.0

A Tabela 80.4 mostra a percepção dos jornalistas do Sul do país quanto às pausas para descanso. Metade dos respondentes – cinco a cada 10 – avalia que falta tempo para realizar os descansos: 23,1% concordam totalmente e 26,9%, parcialmente. Por outro lado, cerca de três a cada 10 discordam que falta tempo para os descansos (14,9% discordam parcialmente e outros 14,9% discordam totalmente), enquanto 14% não concordam, nem discordam.

Tabela 80.4: Falta tempo para realizar pausas de descanso

	Frequência	Percentual válido
Concordo totalmente	79	23.1
Concordo parcialmente	92	26.9
Nem concordo, nem discordo	48	14.0



Discordo parcialmente	51	14.9
Discordo totalmente	51	14.9
Não se aplica	21	6.1
Total	342	100.0

Outro indicador importante para se compreender a qualidade do trabalho dos jornalistas diz respeito à distribuição de tarefas na equipe (Tabela 80.5). Embora 66% dos jornalistas tenham concordado que a quantidade de pessoas na equipe é insuficiente para dar conta de todas as atividades, em geral há certo equilíbrio na percepção sobre a distribuição das tarefas: 37,2% concordam que a distribuição dos afazeres é injusta (16,4% totalmente e 20,8% parcialmente), mas 26,6% não concordam, nem discordam, e outros 27,8% discordam (10,5% parcialmente e 17,3 totalmente).

Ou seja, enquanto os respondentes concordam que há poucas pessoas na equipe, não é consenso que haja injustiça na distribuição das tarefas. Esse comparativo pode ser objeto de reflexões mais profundas, mas um rápido olhar sobre ele suscita a existência de um processo de normalização da precarização, no qual a maioria dos jornalistas consegue identificar o baixo número de colegas no trabalho, mas nem sempre vê problema na forma como as tarefas são distribuídas.

Tabela 80.5: A distribuição de tarefas é injusta

	Frequência	Percentual válido
Concordo totalmente	56	16.4
Concordo parcialmente	71	20.8
Nem concordo, nem discordo	91	26.6
Discordo parcialmente	36	10.5
Discordo totalmente	59	17.3
Não se aplica	29	8.5
Total	342	100.0



Levar trabalho para terminar em casa é uma prática comum entre os participantes, com 27,2% concordando totalmente e 22,2% concordando parcialmente que levam trabalho para casa com frequência. No entanto, é importante destacar que uma parcela considerável dos jornalistas demonstra discordância, com 12,3% discordando parcialmente e 14,9% discordando totalmente. Além disso, 8,2% dos participantes expressaram neutralidade em relação ao assunto, enquanto 15,2% indicaram que essa prática não se aplica a eles (Tabela 80.6).

Tabela 80.6: Levo trabalho para terminar em casa com frequência

	Frequência	Percentual válido
Concordo totalmente	93	27.2
Concordo parcialmente	76	22.2
Nem concordo, nem discordo	28	8.2
Discordo parcialmente	42	12.3
Discordo totalmente	51	14.9
Não se aplica	52	15.2
Total	342	100.0

Sobre as condições estruturais do ambiente de trabalho, 9,9% concordam totalmente e 17,5% concordam parcialmente que as condições de infraestrutura, iluminação e climatização do seu ambiente de trabalho são ruins, totalizando 27,4% dos respondentes. Por outro lado, 27,5% dos jornalistas discordam totalmente com a sentença, e 17,3%, parcialmente, o que indica que a maioria dos respondentes não está descontente com as condições estruturais de seu ambiente de trabalho, muito embora o número dos que apontam para a existência de problemas de tal natureza seja bastante significativo (Tabela 80.7).



Tabela 80.7: Considero como ruins as condições de infraestrutura, iluminação e climatização do meu ambiente de trabalho atual

	Frequência	Percentual válido
Concordo totalmente	34	9.9
Concordo parcialmente	60	17.5
Nem concordo, nem discordo	43	12.6
Discordo parcialmente	59	17.3
Discordo totalmente	94	27.5
Não se aplica	52	15.2
Total	342	100.0

Quanto às condições dos equipamentos usados, 25,7% dos jornalistas discordam totalmente e 17,8% discordam parcialmente que os equipamentos utilizados, como computador e câmera fotográfica, não sejam bons, percentuais que somados alcançam 43,7%. Os jornalistas que de alguma forma concordam que os equipamentos não sejam bons são 31,3%, (10,5% totalmente e 20,8% parcialmente), o que indica a existência de uma parcela significativa que não está satisfeita com os itens disponíveis para o trabalho jornalístico. Há, ainda, 14,3% que nem discordam, nem concordam com a sentença, e 10,8% que assinalaram a opção “não se aplica” (Tabela 80.8).

Tabela 80.8: Os equipamentos que utilizo, como computador, câmera fotográfica etc. não são bons

	Frequência	Percentual válido
Concordo totalmente	36	10.5
Concordo parcialmente	71	20.8
Nem concordo, nem discordo	49	14.3



Discordo parcialmente	61	17.8
Discordo totalmente	88	25.7
Não se aplica	37	10.8
Total	342	100.0

Atreladas a essas duas questões sobre a infraestrutura do local de trabalho e dos equipamentos disponíveis está a pergunta seguinte: 29,2% dos jornalistas discordam totalmente e 16,1% parcialmente que a infraestrutura de trabalho disponível afeta negativamente seu desempenho profissional, o que pode indicar que a maior parte dos profissionais não considera a infraestrutura como um fator determinante para seu desempenho, ou talvez tenham se adaptado às limitações existentes. No entanto, 9,1% concordam totalmente e 17% concordam parcialmente que a infraestrutura afeta negativamente seu desempenho, o que sugere que melhorias nessa área podem ser benéficas para o trabalho dos jornalistas. Outros 16,1% nem concordam, nem discordam da sentença apresentada e para 12,6% ela não se aplica (Tabela 80.9).

Tabela 80.9: A infraestrutura de trabalho disponível afeta negativamente meu desempenho profissional

	Frequência	Percentual válido
Concordo totalmente	31	9.1
Concordo parcialmente	58	17.0
Nem concordo, nem discordo	55	16.1
Discordo parcialmente	55	16.1
Discordo totalmente	100	29.2
Não se aplica	43	12.6
Total	342	100.0

As percepções dos jornalistas sobre a valorização no ambiente de trabalho também



forneem indícios preocupantes sobre a realidade dos profissionais na região (Tabela 87.9): 42,1% afirmam que se sentem desvalorizados no ambiente laboral, sendo que 17% concordam totalmente com isso e 25,1%, parcialmente. O número é mais alto do que aqueles que não se sentem desvalorizados, que é de 37,5%, divididos entre os 20,8% que discordam totalmente que se sentem desvalorizados e os 16,7% que discordam parcialmente com a sentença. Ainda, 14,6% não concordam, nem discordam e 5,8% consideram que o item "não se aplica".

Tabela 80.10: Me sinto desvalorizada (o) no trabalho

	Frequência	Percentual válido
Concordo totalmente	58	17.0
Concordo parcialmente	86	25.1
Nem concordo, nem discordo	50	14.6
Discordo parcialmente	57	16.7
Discordo totalmente	71	20.8
Não se aplica	20	5.8
Total	342	100.0

Quanto ao sentimento de insuficiência de treinamento para as atividades executadas (Tabela 80.11), pode-se observar que 39,2% dos jornalistas discordam totalmente e 23,1% discordam parcialmente de que não se sentem suficientemente treinados, um contingente que representa seis a cada 10 respondentes (62,3%). Essa proporção considerável indica que a maioria dos jornalistas da região se sente suficientemente preparada para as demandas do trabalho jornalístico. São 18,1% os que de alguma forma se sentem insuficientemente treinados (4,1% concordam totalmente e 14%, totalmente), uma parcela que, embora minoritária, chama atenção para a existência de possíveis lacunas de capacitação e promoção de ações de desenvolvimento profissional. Há 14,3% que não concordam, nem discordam.



Tabela 80.11: Não me sinto suficientemente treinada (o) para as atividades que executo

	Frequência	Percentual válido
Concordo totalmente	14	4.1
Concordo parcialmente	48	14.0
Nem concordo, nem discordo	49	14.3
Discordo parcialmente	79	23.1
Discordo totalmente	134	39.2
Não se aplica	18	5.3
Total	342	100.0

Um dos valores canônicos associados à prática jornalística, a liberdade de expressão só existe de maneira plena se também é garantida aos jornalistas dentro do ambiente de trabalho (Tabela 80.12). Apesar disso, um a cada cinco jornalistas da região (21,9%) concordam em alguma medida que não têm liberdade para expressar suas opiniões ou pensamentos, com 6,7% concordando totalmente e 15,2%, parcialmente. Embora a maioria dos respondentes (60,3%) discorde total (39,2%) ou parcialmente (21,1%) da sentença apresentada, a proporção daqueles que de alguma forma se sentem inibidos no ambiente de trabalho é significativa e deve suscitar ponderações acerca de práticas de censura ou de autocensura.

Tabela 80.12: Não tenho liberdade para expressar opiniões/ pensamento

	Frequência	Percentual válido
Concordo totalmente	23	6.7
Concordo parcialmente	52	15.2
Nem concordo, nem discordo	43	12.6
Discordo parcialmente	72	21.1
Discordo totalmente	134	39.2



Não se aplica	18	5.3
Total	342	100.0

O convívio com os colegas de trabalho não aparenta ser um problema para a maioria dos jornalistas do Sul do país (Tabela 80.13). Seis a cada 10 (60,8%) discorda totalmente (45,3%) ou parcialmente (15,5%) que a convivência com seus colegas é difícil. A percepção de que há um bom relacionamento com os colegas é sublinhada pela pequena proporção daqueles que expressaram com veemência que a convivência é difícil, opinião que é comum a 5,3% dos respondentes. Outros 12% concordam parcialmente com a sentença apresentada e 11,4% não concordam, nem discordam. Chama atenção, ainda, o fato de que para 10,5% dos respondentes essa questão não se aplica, o que possivelmente está associado a trabalhos individuais ou nos quais não há convívio com os colegas.

Tabela 80.13: A convivência com meus colegas é difícil

	Frequência	Percentual válido
Concordo totalmente	18	5.3
Concordo parcialmente	41	12.0
Nem concordo, nem discordo	39	11.4
Discordo parcialmente	53	15.5
Discordo totalmente	155	45.3
Não se aplica	36	10.5
Total	342	100.0

Quase um terço dos respondentes (31%) concorda em alguma medida (11,4% totalmente e 19,6% parcialmente) que os funcionários da organização em que atuam são excluídos das decisões ligadas diretamente à equipe (Tabela 80.14). Essa proporção é um pouco menor do que aquela composta pelos que discordam que essa exclusão ocorra (41,5%, sendo 23,1% em discordância total e 18,4% em discordância parcial), mas ainda assim joga



luz sobre a grande quantidade de profissionais aos quais não é permitida a participação nas decisões sobre o trabalho que eles próprios realizam, uma prática que demonstra que nem sempre os jornalistas são ouvidos e que também ajuda a compreender o ambiente de gestão dos veículos em que os profissionais estão atuando.

Tabela 80.14: Os funcionários são excluídos das decisões ligadas diretamente à equipe

	Frequência	Percentual válido
Concordo totalmente	39	11.4
Concordo parcialmente	67	19.6
Nem concordo, nem discordo	53	15.5
Discordo parcialmente	63	18.4
Discordo totalmente	79	23.1
Não se aplica	41	12.0
Total	342	100.0

Embora em algumas organizações ainda se reifique a máxima de que os jornalistas devem constantemente sempre estar preparados e prontos para exercerem suas funções, a legislação trabalhista do país é clara em delimitar os horários de trabalho para tais profissionais. Mesmo assim, quatro a cada 10 jornalistas (40,7%) discordam que conseguem estabelecer limites claros entre a vida laboral e a vida familiar, grupo formado por 16,4% que discordam totalmente e 24,3% que discordam parcialmente. O dado positivo é que a maioria consegue estabelecer esses limites (52,7%, somando os 20,5% que concordam totalmente e os 32,2% que concordam parcialmente), mas ainda é um percentual baixo se considerarmos que a separação entre vida privada e trabalho é um direito (Tabelas 81.1 a 81.8).



Tabela 81.1: Consigo estabelecer limites claros entre vida familiar e laboral

	Frequência	Percentual válido
Concordo totalmente	70	20.5
Concordo parcialmente	110	32.2
Nem concordo, nem discordo	19	5.6
Discordo parcialmente	83	24.3
Discordo totalmente	56	16.4
Não se aplica	4	1.2
Total	342	100.0

Ainda em relação ao ambiente familiar, 84,5% dos respondentes concordam que conseguem falar abertamente sobre suas atividades laborais no ambiente familiar, uma parcela que é formada por expressivos 57,6% que concordam totalmente com essa sentença e por 26,9% que concordam parcialmente. Discordam dessa afirmação e, portanto, não conseguem falar abertamente sobre seu trabalho em casa apenas 6,7% dos respondentes, sendo 4,7% em discordância parcial e 2,0% em discordância total (Tabela 80.2).

Tabela 81.2: Consigo falar abertamente da minha atividade laboral no ambiente familiar

	Frequência	Percentual válido
Concordo totalmente	197	57.6
Concordo parcialmente	92	26.9
Nem concordo, nem discordo	23	6.7
Discordo parcialmente	16	4.7
Discordo totalmente	7	2.0
Não se aplica	7	2.0



Total	342	100.0
-------	-----	-------

Ao serem apresentados à afirmação “meu empregador oferece um sistema de incentivo a uma relação balanceada entre trabalho e família” (Tabela 81.3), os jornalistas da Região Sul expressaram opiniões que indicam um cenário preocupante nesse quesito. É possível observar algum equilíbrio nas respostas entre os que concordam (31,9%, sendo 13,2% totalmente e 18,7% parcialmente) e os que discordam dessa sentença (36,9%, sendo 23,4% totalmente e 12,9 parcialmente), o que por si só já serve como alerta, mas o fato de a maior parcela de respostas indicar que os empregadores não incentivam a relação balanceada entre família e trabalho torna o cenário ainda mais grave. Assim como observado em tópicos anteriores, é outro indicativo que demonstra certa despreocupação dos gestores das organizações com a qualidade de vida dos jornalistas que contratam. Ainda, 18,1% dos respondentes não concordam, nem discordam com a afirmação apresentada.

Tabela 81.3: Meu empregador oferece um sistema de incentivo a uma relação balanceada entre trabalho e família

	Frequência	Percentual válido
Concordo totalmente	45	13.2
Concordo parcialmente	64	18.7
Nem concordo, nem discordo	62	18.1
Discordo parcialmente	44	12.9
Discordo totalmente	80	23.4
Não se aplica	47	13.7
Total	342	100.0

A falta de incentivo a uma relação equilibrada entre trabalho e família se reflete então na dificuldade que os jornalistas encontram para planejar sua vida pessoal e familiar (Tabela 81.4). Do total de respondentes, 36,6% discordaram que conseguem planejar, gerir e priorizar a vida pessoal e familiar, um grupo formado por 12,3% que discordaram totalmente



e 24,2%, parcialmente. Essa possibilidade de gerir a vida pessoal e familiar não é realidade nem para metade dos jornalistas da região Sul, já que 48,5% concordaram que conseguem fazer tal planejamento (18,1% concordaram totalmente e 30,4%, parcialmente). Há um considerável grupo de 14% formado pelos que não concordaram, nem discordaram.

Tabela 81.4: Consigo planejar, gerir e priorizar minha vida pessoal e familiar

	Frequência	Percentual válido
Concordo totalmente	62	18.1
Concordo parcialmente	104	30.4
Nem concordo, nem discordo	48	14.0
Discordo parcialmente	83	24.3
Discordo totalmente	42	12.3
Não se aplica	3	0.9
Total	342	100.0

Pouco mais da metade dos jornalistas (52,9%) afirmaram ter tempo para cuidar de si mesmo, grupo composto por 22,8% que concordaram totalmente e 30,1% que concordaram parcialmente com a sentença “tenho tempo para cuidar de mim mesma (o)” (Tabela 81.5). Porém, destaca-se também que cerca de um terço (34,5%) dos respondentes discordaram em alguma medida, o que demonstra que cerca de três a cada 10 jornalistas não tem tempo para atividades de autocuidado. Outros 12,6% não concordaram, nem discordaram.

Tabela 81.5: Tenho tempo para cuidar de mim mesma (o)

	Frequência	Percentual válido
Concordo totalmente	78	22.8
Concordo parcialmente	103	30.1
Nem concordo, nem discordo	43	12.6



Discordo parcialmente	68	19.9
Discordo totalmente	50	14.6
Não se aplica	--	--
Total	342	100.0

Questionados sobre a qualidade do espaço de trabalho (Tabela 81.6), a maioria dos jornalistas da região concordou que trabalha em um ambiente saudável, uma percepção comum a 61,7% dos respondentes (23,1% concordaram totalmente e 38,6%, parcialmente). Entre os 23,1% que discordaram estão 15,8% que o fizeram parcialmente e 7,3% que discordam totalmente. Ainda, 13,5% mantêm uma posição neutra a respeito do assunto.

Tabela 81.6: Trabalho em um ambiente saudável

	Frequência	Percentual válido
Concordo totalmente	79	23.1
Concordo parcialmente	132	38.6
Nem concordo, nem discordo	46	13.5
Discordo parcialmente	54	15.8
Discordo totalmente	25	7.3
Não se aplica	6	1.8
Total	342	100.0

Refletir e avaliar a vida pessoal e familiar parece ser um hábito comum aos jornalistas da região (Tabela 81.7). Dos participantes da pesquisa, 57,6% deles concordaram (26% totalmente e 31,6% parcialmente) que conseguem fazer uma avaliação contínua de suas vidas pessoais e familiares. Um a cada cinco jornalistas (20,5%) nem concordou, nem discordou, enquanto 21,1% dos participantes discordou em alguma medida da sentença, indicando que não consegue refletir com frequência sobre a vida pessoal e familiar.



Tabela 81.7: Realizo uma avaliação contínua da minha vida pessoal e familiar

	Frequência	Percentual válido
Concordo totalmente	89	26.0
Concordo parcialmente	108	31.6
Nem concordo, nem discordo	70	20.5
Discordo parcialmente	42	12.3
Discordo totalmente	28	8.2
Não se aplica	5	1.5
Total	342	100.0

Ainda no que diz respeito à relação entre vida pessoal e laboral, em geral as/ os jornalistas não acreditam que seu trabalho afeta negativamente a situação conjugal (Tabela 81.8). Essa é concepção para 45,1% dos respondentes, que em alguma medida discordaram quando apresentados à afirmação de que a atividade profissional influencia negativamente na atual situação conjugal (12,9% em discordância parcial e 32,2% em discordância total). São 19% os que concordaram que há interferência negativa da profissão na relação conjugal, 3,8% deles concordam totalmente e 15,2%, parcialmente. Expressivos 21,1% assinalaram que essa realidade não se aplica a eles, um grupo que possivelmente não mantinha relação conjugal no momento da pesquisa.

Tabela 81.8: Minha atividade profissional influencia negativamente na minha atual situação conjugal

	Frequência	Percentual válido
Concordo totalmente	89	26.0
Concordo parcialmente	108	31.6
Nem concordo, nem discordo	70	20.5
Discordo parcialmente	42	12.3



Discordo totalmente	28	8.2
Não se aplica	5	1.5
Total	342	100.0

Os participantes da pesquisa também foram convidados a assinalar com que frequência sentem determinadas sensações decorrentes de um dia normal de trabalho, em uma seção do questionário destinada a mensurar os sentimentos e efeitos associados ao fazer jornalístico (Tabelas 82.1 a 82.5). Sobre a sensação de alegria, e disposição, 30,1% dos respondentes disseram sentir-se alegres e bem-dispostos em mais da metade do tempo, enquanto para outros 24% essas sensações foram comuns na maior parte do tempo e para 3,2%, em todo o tempo, indicando que uma parcela significativa dos jornalistas experimenta uma sensação de alegria e bem-estar em sua rotina de trabalho. Por outro lado, 16,7% dos participantes responderam que se sentem assim apenas em algumas ocasiões e um a cada quatro (25,1%) em menos da metade do tempo. Ainda, 0,9% indicaram nunca se sentirem alegres e bem dispostos.

Tabela 82.1: Me senti alegre e bem disposta (o)

	Frequência	Percentual válido
Todo o tempo	11	3.2
A maior parte do tempo	82	24.0
Mais da metade do tempo	103	30.1
Menos da metade do tempo	86	25.1
Algumas vezes	57	16.7
Nunca	3	0.9
Total	342	100.0

Pouco mais da metade (50,3%) dos jornalistas experimenta sensação de calma e tran-



quilidade com frequência em sua rotina (Tabela 82.2), muito embora esses sentimentos estejam presentes em todo o tempo para apenas 2,6% dessa parcela – os demais se dividem entre os que experimentam calma e tranquilidade na maior parte do tempo (24%) ou em mais da metade do tempo (23,7%). Para 27,2%, essas são sensações que aparecem em menos da metade do tempo, e para 18,7%, algumas vezes. Outros 3,8% nunca se sentem calmos e tranquilos.

Tabela 82.2: Me senti calma (o) e tranquila (o)

	Frequência	Percentual válido
Todo o tempo	9	2.6
A maior parte do tempo	82	24.0
Mais da metade do tempo	81	23.7
Menos da metade do tempo	93	27.2
Algumas vezes	64	18.7
Nunca	13	3.8
Total	342	100.0

Há certo equilíbrio também entre aqueles que se sentem e os que não se sentem ativos e enérgicos: 53,2% experimentam essa disposição com bastante frequência, sendo 27,8% em mais da metade do tempo, 22,2% na maior parte do tempo e 3,5% em todo o tempo. Os outros 46,6% que não se sentem ativos e enérgicos com frequência se dividem entre os 24,3% que experimentam essas sensações em menos da metade do tempo, os 17,3% que experimentam algumas vezes e os 5% que nunca experimentam (Tabela 82.3).

Tabela 82.3: Me senti ativa (o) e enérgica (o)

	Frequência	Percentual válido
Todo o tempo	12	3.5



A maior parte do tempo	76	22.2
Mais da metade do tempo	95	27.8
Menos da metade do tempo	83	24.3
Algumas vezes	59	17.3
Nunca	17	5.0
Total	342	100.0

Seis em cada 10 (62,3%) dos jornalistas não acorda se sentindo relaxado e repousado com frequência (Tabela 82.4). A opção "menos da metade do tempo" recebeu o maior percentual de respostas, representando 27,2% dos participantes, seguida por "algumas vezes" com 23,4%. É preocupante também que 11,7% dos jornalistas nunca acordem com essa sensação. Isso indica que uma parcela considerável dos jornalistas enfrenta dificuldades em obter um sono reparador e acordar com sensação de relaxamento e descanso. Por outro lado, 2,9% dos participantes responderam que se sentem relaxados e repousados todo o tempo, enquanto 13,7% indicaram que na maior parte das vezes acordam relaxados e repousados e 21,1%, estejam assim em mais da metade do tempo.

Tabela 82.4: Acordei me sentindo relaxada (o) e repousada (o)

	Frequência	Percentual válido
Todo o tempo	10	2.9
A maior parte do tempo	47	13.7
Mais da metade do tempo	72	21.1
Menos da metade do tempo	93	27.2
Algumas vezes	80	23.4
Nunca	40	11.7
Total	342	100.0

Há uma divisão evidente na percepção dos jornalistas da região quanto ao interesse



despertado pelas atividades que exercem em um dia normal de trabalho (Tabela 89.5). É possível notar que 48,6% em alguma medida afirmam que seus dias são preenchidos com coisas que lhes interessam (5% dizem que isso ocorre em todo o tempo, 24,3% afirmam que acontece na maior parte do tempo e 19,3%, em mais da metade do tempo). Por outro lado, 51,4% percebem o contrário: 25,7% dizem que atividades interessantes preenchem a rotina em menos da metade do tempo, para 22,2% isso ocorre apenas algumas vezes e para 3,5%, nunca acontece.

Tabela 82.5: Meu dia a dia tem sido preenchido com coisas que me interessam

	Frequência	Percentual válido
Todo o tempo	17	5.0
A maior parte do tempo	83	24.3
Mais da metade do tempo	66	19.3
Menos da metade do tempo	88	25.7
Algumas vezes	76	22.2
Nunca	12	3.5
Total	342	100.0

Uma proporção significativa dos jornalistas experimenta dores no corpo, incluindo braços, pernas, costas, mãos e pés (Tabela 83.1). A opção mais frequente é "de vez em quando", com 33,5% dos participantes relatando essa condição. Além disso, 29,7% dos jornalistas afirmaram sentir dores com frequência, enquanto 19,7% relataram sentir dores diariamente e 14,7%, raramente. Apenas 2,4% dos participantes afirmaram nunca sentir dores.

Tabela 83.1: Dores no corpo (braços, pernas, costas, mãos, pés...)

	Frequência	Percentual válido
Diariamente	67	19.7



Com frequência	101	29.7
De vez em quando	114	33.5
Raramente	50	14.7
Nunca	8	2.4
Total	340	100.0

Da mesma forma, dores de cabeça são comuns aos jornalistas (Tabela 83.2). Quase um terço (32,9%) dos participantes relataram sentir dor de cabeça de vez em quando, enquanto 26,8% afirmaram sentir com frequência. Além disso, 23,8% dos jornalistas indicaram sentir dor de cabeça raramente, enquanto 9,7% afirmaram nunca sentir. É importante destacar que 6,8% dos participantes relataram sentir dor de cabeça diariamente.

Tabela 83.2: Dor de cabeça

	Frequência	Percentual válido
Diariamente	23	6.8
Com frequência	91	26.8
De vez em quando	112	32.9
Raramente	81	23.8
Nunca	33	9.7
Total	340	100.0

Distúrbios digestivos afetam diariamente 5% dos jornalistas da região Sul e um a cada cinco (20,9%) afirma que com frequência é acometido por tais distúrbios. Há 27,7% de respondentes que disseram ser afetados de vez em quando, 31,6% assinalaram a opção "raramente" e para 14,7% os distúrbios digestivos nunca os acometem (Tabela 90.3).



Tabela 83.3: Distúrbios digestivos

	Frequência	Percentual válido
Diariamente	17	5.0
Com frequência	71	20.9
De vez em quando	94	27.7
Raramente	107	31.6
Nunca	50	14.7
Total	339	100.0

Questionados sobre a qualidade do sono, 12,1% dos jornalistas afirmaram que sofrem com alterações no sono diariamente, um problema que acomete 36,5% dos respondentes com frequência (Tabela 90.4). Somados aos 25,9% que disseram sofrer com alterações de vez em quando, é possível notar que 74,5% dos jornalistas com alguma constância sofrem com os distúrbios no sono, o que representa cerca de sete a cada 10. Disseram sofrer alterações no sono raramente 19,4% dos respondentes, enquanto os jornalistas que nunca têm essas dificuldades são 6,2%.

Tabela 83.4: Alterações no sono

	Frequência	Percentual válido
Diariamente	41	12.1
Com frequência	124	36.5
De vez em quando	88	25.9
Raramente	66	19.4
Nunca	21	6.2
Total	340	100.0



Já as alterações no apetite são menos comuns entre os jornalistas, embora também acometam uma parcela significativa dos profissionais (Tabela 83.5). Sofrem com isso diariamente 5,9% dos respondentes, e, com frequência, 15,7%. Para 25,8% as alterações no apetite acontecem de vez em quando. Quase um terço (32,3%) raramente é afetado por tais distúrbios e 20,2% disseram nunca sofrer com alterações no apetite.

Tabela 83.5: Alterações no apetite

	Frequência	Percentual válido
Diariamente	20	5.9
Com frequência	53	15.7
De vez em quando	87	25.8
Raramente	109	32.3
Nunca	68	20.2
Total	337	100.0

Em geral, as/ os jornalistas do Sul do país não notam dificuldades no convívio com seus colegas de trabalho (Tabela 83.6). Apenas 3,5% afirmaram que diariamente têm dificuldades nas relações de trabalho e 10,3% assinalaram que isso ocorre com frequência. Para 30,7%, as dificuldades ocorrem de vez em quando, mas a maior parte dos respondentes (37,1%) assinalou a opção "raramente". Ainda, 18,5% disseram que dificuldades nas relações de trabalho nunca acontecem.

Tabela 83.6: Dificuldades nas relações de trabalho

	Frequência	Percentual válido
Diariamente	12	3.5
Com frequência	35	10.3



De vez em quando	104	30.6
Raramente	126	37.1
Nunca	63	18.5
Total	340	100.0

Situação semelhante é observada no ambiente familiar (Tabela 83.7). Apenas 1,5% dos jornalistas convivem diariamente com conflitos nas relações familiares e cerca de um a cada 10 (11,2%) marcaram a opção “com frequência”. Conflitos familiares eventuais, de vez em quando, ocorrem para 29,5% dos jornalistas da região Sul. Isso raramente acontece nas famílias de 38,1% dos respondentes e, nunca, entre 19,8% dos jornalistas.

Tabela 83.7: Conflitos nas relações familiares

	Frequência	Percentual válido
Diariamente	5	1.5
Com frequência	38	11.2
De vez em quando	100	29.5
Raramente	129	38.1
Nunca	67	19.8
Total	339	100.0

A minoria dos jornalistas notou algum tipo de comportamento agressivo recorrente de sua parte, embora esse sentimento não seja incomum (Tabela 83.8): 1,8% dos respondentes afirmou que a agressividade é um sentimento diário e 10,8% disseram que com frequência se sentem agressivos. Quase um terço (32,1%) dos jornalistas de vez em quando se sentem agressivos e 35,6% raramente se percebem assim. A agressividade nunca afeta 20,6% dos respondentes.



Tabela 83.8: Agressividade

	Frequência	Percentual válido
Diariamente	6	1.8
Com frequência	34	10.0
De vez em quando	109	32.1
Raramente	121	35.6
Nunca	70	20.6
Total	340	100.0

Já a tristeza é um sentimento mais comum entre os jornalistas da região Sul (Tabela 83.9). Para 7,1%, a tristeza é um sentimento diário e para 24,5%, ela aparece com frequência. Outros 36,4% se sentem tristes de vez em quando. Somando essas respostas, nota-se que 68% dos jornalistas da região Sul convivem com o sentimento de tristeza pelo menos de vez em quando. Raramente se sentem tristes 23,4% dos jornalistas e, nunca, 8,6%.

Tabela 83.9: Tristeza

	Frequência	Percentual válido
Diariamente	24	7.1
Com frequência	83	24.6
De vez em quando	123	36.4
Raramente	79	23.4
Nunca	29	8.6
Total	338	100.0

Também chama atenção a perda de autoconfiança entre os jornalistas, uma sensação que acomete diariamente 7,4% dos respondentes e, com frequência, 27,6% deles. Um



terço (33,2%) de vez em quando sente perda de autoconfiança, enquanto que 21,2% raramente têm essa sensação. Um a cada 10 (10,6%) nunca sentem perda de confiança (Tabela 83.10).

Tabela 83.10: Perda de autoconfiança

	Frequência	Percentual válido
Diariamente	25	7.4
Com frequência	94	27.6
De vez em quando	113	33.2
Raramente	72	21.2
Nunca	36	10.6
Total	340	100.0

Quatro a cada 10 jornalistas (40,9%) da região se sentem extremamente cansados diariamente (12,4%) ou com frequência (28,5), mas o cansaço extremo também foi relatado por 29,4% dos respondentes, que afirmaram se sentir assim de vez em quando (Tabela 83.11). Raramente se sentem extremamente cansados 20,6% dos jornalistas e, nunca, 9,1% deles.

Tabela 83.11: Cansaço extremo

	Frequência	Percentual válido
Diariamente	42	12.4
Com frequência	97	28.5
De vez em quando	100	29.4
Raramente	70	20.6
Nunca	31	9.1
Total	340	100.0



Já o stress é ainda mais recorrente entre os jornalistas da região Sul, visto que 17,4% dos respondentes disseram se sentir estressados diariamente (Tabela 83.12). Essa sensação ainda aparece com frequência para 32,7% dos jornalistas, de modo que metade (50,1%) dos respondentes com frequência ou diariamente sofre com stress. Tal sentimento acomete 27,4% dos jornalistas de vez em quando e 14,2% raramente se sentem assim. Outros 8,3 nunca se sentem estressados.

Tabela 83.12: Stress

	Frequência	Percentual válido
Diariamente	59	17.4
Com frequência	111	32.7
De vez em quando	93	27.4
Raramente	48	14.2
Nunca	28	8.3
Total	339	100.0

7.1 Códigos de Ética e Valores

Este bloco de questões começa com uma pergunta simples e direta. E a maioria dos profissionais da Região Sul (82,5%) respondeu que sim, conhece o Código. E 17,5% não conhecem (Tabela 84).

Tabela 84: Você conhece o Código de Ética do Jornalista Brasileiro?

	Frequência	Percentual válido
Sim	282	82.5
Não	60	17.5
Total	342	100.0



A maioria dos jornalistas do Sul do país acredita que o Código de Ética seja “insuficiente e incompleto” (60,5%). E 51,4% também o considera desatualizado. Apenas 13% acham que seja “atual, suficiente e completo” (Tabela 85).

Tabela 85: Você considera que este código é:

	Frequência	Percentual válido
Atual, suficiente e completo	36	13.0
Atual, mas insuficiente e incompleto	98	35.5
Desatualizado, mas suficiente e completo	73	26.4
Desatualizado, insuficiente e incompleto	69	25.0
Total	276	100.0

A próxima questão analisa a percepção dos jornalistas da região no que diz respeito a valores necessários para se trabalhar com ética (Tabelas 86.1 a 86.10). A credibilidade é considerada por 98,8% dos respondentes como “extremamente importante” (87,2%) e “muito importante” (11,6%). É “pouco importante” ou “sem importância” para apenas 0,6% e “mais ou menos importante” para outros 0,6%.

Tabela 86.1: Credibilidade

	Frequência	Percentual válido
Extremamente importante	293	87.2
Muito importante	39	11.6
Mais ou menos importante	2	0.6
Pouco importante	1	0.3
Sem importância	1	0.3
Total	336	100.0



Para se trabalhar com ética, 97% consideram que a diversidade é “extremamente importante” (73,4%) e “muito importante” (23,6%). Os 3% restantes a consideram “mais ou menos importante”.

Tabela 86.2: Diversidade

	Frequência	Percentual válido
Extremamente importante	246	73.4
Muito importante	79	23.6
Mais ou menos importante	10	3.0
Total	335	100.0

Outro valor que a maioria (95,2%) considera importante para se trabalhar com ética é o equilíbrio. Que é “extremamente importante” para 65,1% e “muito importante” para 30,1%. Apenas 4,5% o consideram “mais ou menos importante” e 0,3% “pouco importante”.

Tabela 86.3: Equilíbrio

	Frequência	Percentual válido
Extremamente importante	218	65.1
Muito importante	101	30.1
Mais ou menos importante	15	4.5
Pouco importante	1	0.3
Total	335	100.0

A imparcialidade, comparativamente com os outros valores desta questão, teve percentuais menores entre as/ os jornalistas da região. Mesmo assim, 70,3% a consideram relevante para a ética no trabalho, classificando-a como “extremamente importante” (43,1%) e “muito importante” (27,2%). O número de respondentes que escolheram “mais ou menos importante” (20,4%) é o mais alto deste bloco e também chama a atenção que 9,3%



tenham considerado “pouco importante” e “sem importância”.

Tabela 86.4: Imparcialidade

	Frequência	Percentual válido
Extremamente importante	144	43.1
Muito importante	91	27.2
Mais ou menos importante	68	20.4
Pouco importante	22	6.6
Sem importância	9	2.7
Total	334	100.0

A justiça aparece como um valor ético fundamental para 98% dos jornalistas da Região Sul, que a consideram “extremamente importante” (80,4%) e “muito importante” (17,6%).

Tabela 86.5: Justiça

	Frequência	Percentual válido
Extremamente importante	270	80.4
Muito importante	59	17.6
Mais ou menos importante	7	2.1
Total	336	100.0

Não fosse pelos 0,9% que a consideram “mais ou menos importante”, a liberdade, como valor ético importante para o trabalho do jornalista, teria chegado à unanimidade entre os/ as jornalistas do Sul do país: a soma dos “extremamente importante” (84,2%) e “muito importante” (14,9%) é de 99,1%.



Tabela 86.6: Liberdade

	Frequência	Percentual válido
Extremamente importante	283	84.2
Muito importante	50	14.9
Mais ou menos importante	3	0.9
Total	336	100.0

A objetividade parece compor, com a imparcialidade, os dois valores que os/ as jornalistas colocam dúvida sobre a sua necessidade para garantir a ética no trabalho, comparativamente com os demais resultados deste bloco, na percepção dos/ as profissionais da região. Mesmo assim, a soma do “extremamente importante” (52,8%) com “muito importante” (31,9%) mostra que 84,7% dos jornalistas a têm como valor essencial. E ainda que 12,2% tenham optado por “mais ou menos importante”, apenas 2,4% acham “pouco importante” e 0,6% não lhe atribuem qualquer importância.

Tabela 86.7: Objetividade

	Frequência	Percentual válido
Extremamente importante	177	52.8
Muito importante	107	31.9
Mais ou menos importante	41	12.2
Pouco importante	8	2.4
Sem importância	2	0.6
Total	335	100.0

A pluralidade é mais um dos valores para o trabalho ético que receberam a confirmação da grande maioria (98,8%) dos jornalistas da região, como “extremamente importante” (74,1%) e “muito importante” (24,7%). E é “mais ou menos importante” para 1,2%.



Tabela 86.8: Pluralidade

	Frequência	Percentual válido
Extremamente importante	249	74.1
Muito importante	83	24.7
Mais ou menos importante	4	1.2
Total	336	100.0

O percentual dos que consideram a transparência como valor importante é de 98,8%, soma das opções “extremamente importante” (85,3%) e “muito importante” (13,5%). Apenas 1,2% selecionaram “mais ou menos importante”, dentre os respondentes do Sul.

Tabela 86.9: Transparência

	Frequência	Percentual válido
Extremamente importante	285	85.3
Muito importante	45	13.5
Mais ou menos importante	4	1.2
Total	334	100.0

A verdade teve o maior percentual dentre os valores considerados “extremamente importantes” (91,7%). Somado ao percentual dos que a consideram “muito importante” (7,7) chega-se ao percentual de 99,4%, também o maior desta questão. Apenas 0,6% acham “mais ou menos importante”.



Tabela 86.10: Verdade

	Frequência	Percentual válido
Extremamente importante	308	91.7
Muito importante	26	7.7
Mais ou menos importante	2	0.6
Total	336	100.0

Quanto às condições profissionais para atuar dentro da ética (Tabela 87), 82,1% dos profissionais afirmam ter condições totais, 15,8% consideram-se parcialmente aptos e apenas 2,1% acreditam não ter essas condições.

Tabela 87: Você considera que tem condições profissionais para atuar dentro da ética jornalística?

	Frequência	Percentual válido
Sim, tenho condições totais para isso	276	82.1
Não, não tenho	7	2.1
Parcialmente	53	15.8
Total	336	100.0

Dentre aqueles que não se sentem em condições de atuar eticamente na profissão (Tabela 88), o motivo mais citado foi a “pressão de anunciantes, patrões, governos ou outros”, seguido por “trabalho fora da mídia” e “desestímulo e dificuldades no local de trabalho”. “Sobrecarga de trabalho e falta de tempo” também é citada. No campo “Outro. Qual?” quatro respondentes adicionaram motivos.



Tabela 88: O que impede que você exerça o jornalismo eticamente?
(É possível marcar mais de uma alternativa).

	Frequência
Despreparo técnico	6
Desestímulo e dificuldades no local de trabalho	20
Sobrecarga de trabalho e falta de tempo	18
Pressão de anunciantes, patrões, governos ou outros	29
Trabalho fora da mídia	24
Trabalho como docente	3
Outro. Qual?	4

Tabela 88.1: Outro. Qual?

	Frequência
Atuo na docência, mas justamente por isso reconheço as dificuldades de uma conduta ética, de acordo com a presente nos códigos da profissão, devido às dificuldades impostas pelas organizações jornalísticas e o mercado.	1
Linha editorial	1
pressão econômica	1
sobre exigir valores do piso da categoria em freelas. ninguém paga e temos q aceitar valores menores	1



7.2 Comentários e Avaliações da Pesquisa

A última questão, na verdade, foi um espaço qualitativo para contemplar comentários, críticas e sugestões: “Comente caso queira fazer alguma observação adicional a respeito do tema da pesquisa, questionário e/ou outro relacionado à sua experiência como jornalista/docente”. Um olhar panorâmico sobre as 55 respostas dá conta de um mosaico de opiniões, queixas, avaliações sobre o jornalismo no país, insights interessantes e apontamentos de soluções, bem como sugestões pertinentes à continuidade deste estudo. Fizemos a opção de deixar o conjunto das manifestações das/os respondentes e passamos a comentar alguns aspectos que nos parecem mais relevantes.

A começar pelo olhar dos respondentes quanto à profissão, o contexto do jornalismo no país e o futuro que naquele momento do estudo se apresentava. Agrupamos nessa temática 11 jornalistas que refletiram sobre o labor profissional, suas agruras e desafios, bem como as perspectivas de futuro. Selecionamos alguns trechos dessas respostas:

É uma profissão árdua, exige muito do profissional, mas pouco reconhecida e cada dia mais desacreditada. Raramente as empresas conseguem contratar e pagar o piso. Muitos precisam se sujeitar a trabalhar como terceirizados, PJ, por salários abaixo da categoria para não desistir de ser jornalista.

A profissão de jornalista foi muito desvalorizada nos últimos anos e é preciso resgatar sua credibilidade junto à população em geral.

Acredito que ainda temos muito o que construir para que novos jornalistas sejam formados e inteligentes e que possam trabalhar nas redações.

Jornalistas e assessores que trabalham exclusivamente com temas de saúde estão quase tão esgotados quanto os médicos por causa da pandemia.

Muitos jornalistas sofrem com a carga de trabalho e a pressão exercida diariamente.



Nos 10 anos de atuação, também é perceptível a volatilidade do mercado de trabalhos para os jornalistas e a sobrecarga de tarefas que estamos acumulando.

Talvez pela depressão do momento, do jornalismo e do país, não vejo muita esperança num futuro próximo. Estamos numa nau à beira de um precipício e não vejo a vontade coletiva de luta. E a pandemia é mais um agravante disso tudo, achatando vagas, além de todas as mazelas sofridas em 2020 e 2021. Não são poucos os jornalistas que fazem uber, ou estão vendendo produtos na feira, mudando de atividade, criando lojinhas virtuais ou até vendendo marmitas gourmets para pets dos mais abastados que tem a preocupação sustentável... com seus pets.

Temos que levar em consideração que os jornalistas hoje sofrem: Baixa remuneração, perseguição política, pouco investimento em desenvolvimento pessoal, e equipamentos já passados.

Tenho ficado triste com o "jornalismo" praticado no Brasil ultimamente, onde as mídias sociais ampliaram o espaço para pseudo-repórteres, influenciadores e pretensos comunicadores. Creio que deveria haver uma forma de moralizar a profissão, uma das que mais sofre com ataques que partem principalmente do presidente da República (e seus adoradores).

Uma profissão tão interessante e ao mesmo tempo essencial para a sociedade, porém no Brasil atravessando uma crise no modelo de negócio, muitos profissionais perdendo empregos quando mais se necessita de informação de qualidade. É triste.

Estou insatisfeita com a profissão.

Há diversas manifestações sobre a mudança nas rotinas produtivas das/os jornalistas, o chamado "profissional multifunção", como também as novas funções e áreas de atuação criados pela adoção de novas tecnologias da informação. Deste rol, destacamos:

Está cada vez mais comum termos um jornalista para escrever o texto, tirar fotos e fazer a edição. Isso acontece bastante nos impressos e nos blogs das TV e rádios.



Atualmente meu trabalho é como freelancer, por isso minhas respostas pouco tem a ver com ambiente de trabalho, mas com imposições colocadas por questões até mesmo externas.

O mercado de trabalho está prostituído, somos substituídos cada dia mais por qualquer um que seja blogueiro, bastando a fama para ocupar cargos antes de jornalistas formados.

Gostaria de acrescentar que a escassez de iniciativas e empresas jornalistas obriga muitos profissionais a trabalharem com marketing.

Sou jornalista, trabalhei como analista de marketing, produtora de conteúdo, redatora em agência e hoje sou editora e revisora de textos em um site de beleza. Em nenhum desses cargos eu atuei como jornalista, mas em todos a minha graduação e os conhecimentos foram requisitos para exercer os cargos.

Do ponto de vista dos valores que balizam a profissão, as manifestações das/os jornalistas ficaram concentradas sobre o polêmico princípio da "imparcialidade":

Na questão em que se fala de Imparcialidade não havia opção de "impossível/inexistente", portanto, deixei em branco.

Não existe imparcialidade, e talvez esse quesito devesse ser melhor explorado. Entendo que é necessário aceitar a parcialidade de qualquer trabalho na área da comunicação, e procurar exercer o trabalho publicizando essa impossibilidade, buscando sempre mostrar o que é pertinente para o interesse público e desenvolvimento humano, explorando e explicando ética e honestamente os fatos apurados. Entendo que não é necessário ter "dois lados" para dizer que está chovendo lá fora: basta olhar pela janela.

Quando se questiona sobre a importância da "imparcialidade" no jornalismo e classifico como mais ou menos importante, estou a pensar sobre os perigos do discurso da imparcialidade para o grande público, que acredita que o jornalismo não tem de estar posicionado. A tecla da imparcialidade - a qual nós, profissionais



jornalistas, sabemos ser sempre necessária de se relativizar - está para o grande público como um lugar de não-opinião, de passividade e de impossibilidade de questionamentos.

A imparcialidade tornou-se, ao meu ver, uma ferramenta mal utilizada para brasileiras(os) e veículos para justificarem uma tentativa de posicionamentos antidemocráticos. É como se o próprio jornalismo, no ímpeto de se mostrar credível, tivesse criado o monstro da isenção e imparcialidade passivas. E, neste sentido, não pudesse questionar ou se posicionar contra tentativas antidemocráticas, cenário no qual o jornalismo é incapaz de (re)xistir.

Sobre as questões que envolvem o ambiente de trabalho, notadamente quanto à ocorrência de diferentes tipos de assédios (verbal, moral, sexual) e desigualdades – especialmente de gênero -, registramos:

Ao terminar de responder, refleti que em um ambiente de trabalho onde há uma disputa frequente por poder, as pessoas são capazes de tudo. Infelizmente, trabalho num local assim. Tenho um salário decente, mas me pergunto: será que vale a pena enfrentar isso, além de assédio moral velado para sobreviver?

Apenas gostaria de dizer que, apesar de a empresa onde trabalho atualmente ter condições saudáveis de trabalho, meu emprego anterior tinha um ambiente tóxico. O gestor da redação é imaturo para o cargo que ocupa, costuma acionar os funcionários constantemente fora do horário (sem necessidade), colocava sempre as metas de audiência acima de tudo, inclusive do bem-estar dos colaboradores. Foi por essa razão que saí de lá e vim para meu atual trabalho.

Como mulher sempre foi um enorme desafio enfrentar e superar todos os obstáculos inerentes às desigualdades de gênero. Mas isso não me paralisou. Manifesto aqui que gostaria que as entidades sindicais deveriam valorizar mais as jornalistas, a igualdade de gênero e adotar linguagem inclusiva de gênero, e que nem um



sindicato ou federação fosse "dos" jornalistas. das "de" jornalistas, pois o masculino não me representa.

Este ano sofri um caso de assédio pelo chefe máximo da instituição. Isso desgastou bastante a relação com a empresa. Desde este momento não me sinto mais segura em desempenhar o meu trabalho.

Necessário começar a considerar questões mais abrangentes sobre classe, gênero e raça (principalmente). Ainda que genéricas muitas questões não abrangem as demandas e dificuldades que uma mulher negra vivencia, por exemplo, e que são de extrema importância serem observadas.

No item como se reconhece quanto ao gênero sexualmente deveria expandir as opções. De restante está ok. Grato

Os empresários, que sustentam o anúncio pressionada cada vez mais por apoio. Ontem mesmo fui vítima de um assassinato de reputação em um grupo de direita que pediam para que os empresários não me apoiassem por exercer e expressar opinião sobre a situação insustentável do atual governo.

Por último, ressaltamos que 22 jornalistas optaram por discutir a importância da pesquisa, com críticas, elogios e sugestões para que o estudo seja aperfeiçoado:

Acho fundamental a pesquisa. Inclusive trabalho em aula a pesquisa publicada em "O Perfil do jornalista brasileiro" - Jacques Mick (coord.) e Samuel Lima; e a complementar, publicada em "Desigualdades estruturais de gênero no trabalho jornalístico: o perfil das jornalistas brasileiras" - Felipe Simão Pontes. Parabéns pelo empenho e muito sucesso! Conto com as futuras publicações decorrentes.

Acho que seria interessante no futuro investigar quantos jornalistas ainda tem interesse no jornalismo em meios tradicionais e quantos só preferem o digital. Mas de resto, parabéns pela Pesquisa, muito boa.



Considero de suma importância esta pesquisa e recomendo que seja dada continuidade a ela para que os resultados se desdobrem em discussões pertinentes.

Deixo meus parabéns aos colegas envolvidos neste trabalho grandioso e extremamente necessário. Entendo o tamanho desta pesquisa, mas seria fantástico que o intervalo fosse menor, dada a velocidade com que as nossas realidades se alteram. Valeu!!!

Deveria haver um bloco para ocupação principal (no meu caso, "fora da mídia") e outro igual para a secundária (no meu caso, na mídia).

Em algumas questões é impossível dissociar a vida pessoal e profissional. Não acho que seja um problema, mas acredito que seja uma observação válida.

Em relação as edições anteriores, a perfil está amplo, procurando alcançar questões subjetivas, o que por um lado, pode levar a desvios na compreensão de algumas questões. De forma geral, trata-se de importante iniciativa.

faltou abordar impactos da digitalização, na atividade e exposição do trabalho

Foi ótimo responder. espero ter contribuído.

Gostaria de parabenizá-los pela pesquisa, que considero de extrema importância. Estou compartilhando o questionário com os colegas. E aguardo os resultados.

Muito boa a proposta desta pesquisa.

Muito importante a pesquisa. Parabéns!

Obrigado

Obrigado pela pertinência da pesquisa!!! A reflexão proporciona tomadas de decisões até então não pensadas!!

Ótima pesquisa, espero ter contribuído de alguma forma colegas! Excelente trabalho para nós...



Parabenizo a iniciativa

Parabéns pela iniciativa.

Pesquisa abrangente e que demonstra cuidado para com os Jornalistas; satisfação por participar!

Pesquisa abrangente. Parabéns

Questionário completo e necessário.

Pesquisa de extrema relevância para um diagnóstico do Jornalismo e das condições de trabalho dos Jornalistas. Parabéns!

Sou jornalista ainda em atividade E sou professor em universidade. Além do mais, dirijo uma instituição cultural de grande porte de caráter público. Entendo que nem sempre a pesquisa conseguiu apanhar estas especificidades de meu perfil.

É possível, em última análise alinhar uma síntese final baseada nessa apreciação, seguindo o mesmo parâmetro do relatório nacional, a saber: a) A pesquisa parece ter fomentado a reflexão dos jornalistas, que fizeram considerações sobre contexto da profissão, destacando coisas como a desvalorização, precarização (baixos salários e intensidade da jornada), exigência da multifunção (sem o “multissalário”) dentre outros fatores; b) Quanto aos valores que balizam a profissão, as respostas ficaram concentradas no item “imparcialidade” – vista como inexistente ou “muleta” para posicionamentos antidemocráticos pelas empresas; c) De maneira geral, as/os respondentes apontaram a necessidade de o estudo buscar entender melhor como questões de classe, gênero, orientação sexual e raça afetam o trabalho e as oportunidades dos profissionais; d) Por fim, a pesquisa em si foi objeto de manifestação de 22 jornalistas, com elogios, críticas e sugestões (*A reflexão proporciona tomadas de decisões até então não pensadas!!; faltou abordar impactos da digitalização, na atividade e exposição do trabalho; acho que seria interessante no futuro investigar quantos jornalistas ainda tem interesse no jornalismo em meios tradicionais e quantos só preferem o digital; considero de suma importância esta pesquisa e recomendo que seja dada continuidade a ela para que os resultados se desdobrem em discussões pertinentes*).



Comente caso queira fazer alguma observação adicional a respeito do tema da pesquisa, questionário e/ou outro relacionado à sua experiência como jornalista/docente.

É uma profissão árdua, exige muito do profissional, mas pouco reconhecida e cada dia mais desacreditada. Raramente as empresas conseguem contratar e pagar o piso. Muitos precisam se sujeitar a trabalhar como terceirizados, PJ, por salários abaixo da categoria para não desistir de ser jornalista.

A pergunta sobre o que é eticamente importante em relação a profissão. Todas são muito importantes, mas na maior parte das vezes não são possíveis. Não entendi o motivo da questão!

A profissão de jornalista foi muito desvalorizada nos últimos anos e é preciso resgatar sua credibilidade junto à população em geral. Pesquisas e ações de comunicação podem ajudar nesse sentido.

Acho fundamental a pesquisa. Inclusive trabalho em aula a pesquisa publicada em "O Perfil do jornalista brasileiro" - Jacques Mick (coord.) e Samuel Lima; e a complementar, publicada em "Desigualdades estruturais de gênero no trabalho jornalístico: o perfil das jornalistas brasileiras" - Felipe Simão Pontes. Parabéns pelo empenho e muito sucesso! Conto com as futuras publicações decorrentes.

Acho que seria interessante no futuro investigar quantos jornalistas ainda tem interesse no jornalismo em meios tradicionais e quantos só preferem o digital. Mas de resto, parabéns pela Pesquisa, muito boa

Acredito que ainda temos muito o que construir para que novos jornalistas sejam formados e inteligentes e que possam trabalhar nas redações

Acredito que as entidades que representam a classe deixaram de lutar pelos nossos direitos há anos, sinto uma preocupação excessiva em fechar os olhos para o que a política prejudicou o jornalismo no passado, como exemplo a exigência do diploma para exercício da profissão. Sinto o jornalismo desacreditado por causa de militância partidária, por jornalistas colocarem acima dos fatos os seus anseios pessoais. O mercado de trabalho está prostituído, somos substituídos cada dia mais por qualquer um que seja blogueiro, bastando a fama para ocupar cargos antes de



jornalistas formados. As empresas não respeitam mais o piso salarial, tampouco vejo sindicato atuando e é por isso que não me sindicalizo.

Ao terminar de responder, refleti que em um ambiente de trabalho onde há uma disputa frequente por poder, as pessoas são capazes de tudo. Infelizmente, trabalho num local assim. Tenho um salário decente, mas me pergunto: será que vale a pena enfrentar isso, além de assédio moral velado para sobreviver?

Apenas gostaria de dizer que, apesar de a empresa onde trabalho atualmente ter condições saudáveis de trabalho, meu emprego anterior tinha um ambiente tóxico. O gestor da redação é imaturo para o cargo que ocupa, costuma acionar os funcionários constantemente fora do horário (sem necessidade), colocava sempre as metas de audiência acima de tudo, inclusive do bem-estar dos colaboradores. Foi por essa razão que saí de lá e vim para meu atual trabalho.

Atualmente meu trabalho é como freelancer, por isso minhas respostas pouco tem a ver com ambiente de trabalho, mas com imposições colocadas por questões até mesmo externas.

Atualmente minha renda vem de aposentadoria do setor público. Trabalho esporadicamente como jornalista quando quero.

Como mulher sempre foi um enorme desafio enfrentar e superar todos os obstáculos inerentes às desigualdades de gênero. Mas isso não me paralisou. Manifesto aqui que gostaria que as entidades sindicais valorizassem mais as jornalistas, a igualdade de gênero e adotarem linguagem inclusiva de gênero, e que nem um sindicato ou federação fosse "dos" jornalistas. das "de" jornalistas, pois o masculino não me representa.

Considero de suma importância esta pesquisa e recomendo que seja dada continuidade a ela para que os resultados se desdobrem em discussões pertinentes.

Deixo meus parabéns aos colegas envolvidos neste trabalho grandioso e extremamente necessário. Entendo o tamanho desta pesquisa, mas seria fantástico que o intervalo fosse menor, dada a velocidade com que as nossas realidades se alteram. Valeu!!!

Deveria haver um bloco para ocupação principal (no meu caso, "fora da mídia") e outro igual para a secundária (no meu caso, na mídia).



<p>Em algumas questões é impossível dissociar a vida pessoal e profissional. Não acho que seja um problema, mas acredito que seja uma observação válida.</p>
<p>Em relação as edições anteriores, a perfil está amplo, procurando alcançar questões subjetivas, o que por um lado, pode levar a desvios na compreensão de algumas questões. De forma geral, trata-se de importante iniciativa.</p>
<p>Este ano sofri um caso de assédio pelo chefe máximo da instituição. Isso desgastou bastante a relação com a empresa. Desde este momento não me sinto mais segura em desempenhar o meu trabalho.</p>
<p>Estou insatisfeita com a profissão.</p>
<p>faltou abordar impactos da digitalização, na atividade e exposição do trabalho</p>
<p>Foi ótimo responder. espero ter contribuído.</p>
<p>Gostaria de acrescentar que a escassez de iniciativas e empresas jornalistas obriga muitos profissionais a trabalharem com marketing. Existem poucas vagas e, as que estão disponíveis, priorizam candidatos com vasta experiência (o que é incoerente).</p>
<p>Gostaria de parabenizá-los pela pesquisa, que considero de extrema importância. Estou compartilhando o questionário com os colegas. E aguardo os resultados.</p>
<p>jornalistas e assessores que trabalham exclusivamente com temas de saúde estão quase tão esgotados quanto os médicos por causa da pandemia</p>
<p>Muito boa a proposta desta pesquisa.</p>
<p>Muito importante a pesquisa. Parabéns!</p>
<p>Muitos jornalistas sofrem com a carga de trabalho e a pressão exercida diariamente.</p>
<p>Na questão em que se fala de Imparcialidade não havia opção de "impossível/inexistente", portanto, deixei em branco</p>
<p>Na questão sobre a empresa que trabalho ser pública ou privada, não havia uma opção para abranger entidade sindical.</p>
<p>Não desejo</p>
<p>Não existe imparcialidade, e talvez esse quesito devesse ser melhor explorado. Entendo que é necessário aceitar a parcialidade de qualquer trabalho na área da comunicação, e procurar exercer o trabalho publicizando essa impossibilidade,</p>



<p>buscando sempre mostrar o que é pertinente para o interesse público e desenvolvimento humano, explorando e explicando ética e honestamente os fatos apurados. Entendo que não é necessário ter "dois lados" para dizer que está chovendo lá fora: basta olhar pela janela.</p>
<p>Não.</p>
<p>Não.</p>
<p>necessário começar a considerar questões mais abrangentes sobre classe, gênero e raça (principalmente). Ainda que genéricas muitas questões não abrangem as demandas e dificuldades que uma mulher negra vivencia, por exemplo, e que são de extrema importância serem observadas.</p>
<p>No item como se reconhece quanto ao gênero sexualmente deveria expandir as opções. De restante está ok. Grato</p>
<p>O jornalismo precisa se reinventar (seja para atuação na mídia seja para atuação em assessorias e cia). Há mercado, mas o jornalismo está meio perdido. Se isso não acontecer rápido, uma consciência das transformações em seu papel, o jornalismo vai morrer. As escolas ainda não entenderam que as redações, tal como existiam antes desapareceram, há outros espaços para o jornalismo e ele precisa ocupar, senão morrerá. Existirá outra profissão no lugar (como já existem em alguns casos, conteudista, copywriters, etc... e não jornalistas).</p>
<p>Obrigado</p>
<p>Obrigado pela pertinência da pesquisa!!! A reflexão proporciona tomadas de decisões até então não pensadas!!</p>
<p>Os empresários, que sustentam o anúncio pressionada cada vez mais por apoio. Ontem mesmo fui vítima de um assassinato de reputação em um grupo de direita que pediam para que os empresários não me apoiassem por exercer e expressar opinião sobre a situação insustentável do atual governo.</p>
<p>Ótima pesquisa, espero ter contribuído de alguma forma colegas! Excelente trabalho para nós...</p>
<p>Parabenizo a iniciativa</p>
<p>Parabéns pela iniciativa.</p>



Percebo que a graduação em boas universidades faz muita diferença no dia a dia do profissional. Em meu local de trabalho, a maioria é formada em universidades públicas e isso faz com que a tomada de decisões desses profissionais seja mais acertada, mais ética e comprometido do que os profissionais formados em faculdades privadas. Isso se torna evidente em tempos de crise institucional e durante eventos, como coletivas de imprensa, que precisam de decisões rápidas e decisivas. Nos 10 anos de atuação, também é perceptível a volatilidade do mercado de trabalhos para os jornalistas e a sobrecarga de tarefas que estamos acumulando. Está cada vez mais comum termos um jornalista para escrever o texto, tirar fotos e fazer a edição. Isso acontece bastante nos impressos e nos blogs das TV e rádios.

Pesquisa abrangente e que demonstra cuidado para com os Jornalistas; satisfação por participar!

Pesquisa abrangente. Parabéns

Pesquisa de extrema relevância para um diagnóstico do Jornalismo e das condições de trabalho dos Jornalistas. Parabéns!

Quando se questiona sobre a importância da "imparcialidade" no jornalismo e classifico como mais ou menos importante, estou a pensar sobre os perigos do discurso da imparcialidade para o grande público, que acredita que o jornalismo não tem de estar posicionado. A tecla da imparcialidade - a qual nós, profissionais jornalistas, sabemos ser sempre necessária de se relativizar - está para o grande público como um lugar de não-opinião, de passividade e de impossibilidade de questionamentos. A imparcialidade tornou-se, ao meu ver, uma ferramenta mal utilizada para brasileiras(os) e veículos para justificarem uma tentativa de posicionamentos antidemocráticos. É como se o próprio jornalismo, no ímpeto de se mostrar credível, tivesse criado o monstro da isenção e imparcialidade passivas. E, neste sentido, não pudesse questionar ou se posicionar contra tentativas antidemocráticas, cenário no qual o jornalismo é incapaz de (re)xistir.

Questionário completo e necessário.

rceleante@yahoo.com.br

Sem comentários



Sindicato em Florianópolis nunca sequer fez uma visita a redação de trabalho, já pensei até em pedir apoio de sindicatos de outros estados. Aqui o sindicato é patronal, trabalha em função dos patrões e não sabe nem a condição atual de seus "filiados". Uma vergonha. Horas extras, carga horário errada, salário abaixo do piso, função abaixo da exercida, carga horária maior, etc. Uma pequena fiscalização (se existisse) bastaria para organizar um pouco a situação. Atualmente, um caos.

Sou jornalista ainda em atividade E sou professor em universidade. Além do mais, dirijo uma instituição cultural de grande porte de caráter público. Entendo que nem sempre a pesquisa conseguiu apanhar estas especificidades de meu perfil

Sou jornalista, trabalhei como analista de marketing, produtora de conteúdo, redatora em agência e hoje sou editora e revisora de textos em um site de beleza. Em nenhum desses cargos eu atuei como jornalista, mas em todos a minha graduação e os conhecimentos foram requisitos para exercer os cargos. Pra nenhuma dessas atividades (principalmente as mais relacionadas ao marketing e redes sociais) eu tive contato dentro da faculdade.

Talvez pela depressão do momento, do jornalismo e do país, não vejo muita esperança num futuro próximo. Estamos numa nau à beira de um precipício e não vejo a vontade coletiva de luta. E a pandemia é mais um agravante disso tudo, achatando vagas, além de todas as mazelas sofridas em 2020 e 2021. Não são poucos os jornalistas que fazem uber, ou estão vendendo produtos na feira, mudando de atividade, criando lojinhas virtuais ou até vendendo marmitas gourmets para pets dos mais abastados que tem a preocupação sustentável... com seus pets. O lema de Lemann, do "vai que dá!", ou o globeleza "vamos ativar o empreendedorismo" não se aplica aos colegas da velha guarda, demitidos e que não conseguiram empreender (por viverem 30 anos na zona de conforto das redações) para sobreviver do jornalismo. Na academia, o fechamento de centenas de faculdades particulares (e daqui pra frente com a concorrência de cursêtes via EAD), gerando um salve-se quem puder, com overflow na procura pelas vagas provisórias nas IES públicas, que sofrem com o déficit e sem perspectivas de concursos. As únicas ilhas são para os concursados, cada vez em menor número e que inevitavelmente sofrerão pressões se este tipo de governo continuar...



Temos que levar em consideração que os jornalistas hoje sofrem: Baixa remuneração, perseguição política, pouco investimento em desenvolvimento pessoal, e equipamentos já passados.

Tenho ficado triste com o "jornalismo" praticado no Brasil ultimamente, onde as mídias sociais ampliaram o espaço para pseudo-repórteres, influenciadores e pretensos comunicadores. Creio que deveria haver uma forma de moralizar a profissão, uma das que mais sofre com ataques que partem principalmente do presidente da República (e seus adoradores).

Total desvalorização dos profissionais jornalistas que atuam nas assessorias de órgãos públicos.

Uma profissão tão interessante e ao mesmo tempo essencial para a sociedade, porém no Brasil atravessando uma crise no modelo de negócio, muitos profissionais perdendo empregos quando mais se necessita de informação de qualidade. É triste.



8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados obtidos nesse estudo, a partir de 1.179 respostas válidas das quais foi definido um plano amostral de 504 respondentes, sobre o perfil das/os jornalistas da Região Sul do país permitem afirmar que, ao final de 2021, que a categoria profissional era composta, em sua maioria, por mulheres (57,9%), brancas (89,3%), com faixa etária predominante entre 23 e 40 anos (57,3%).

Preliminarmente, um dado difere bastante da pesquisa nacional: a presença de pessoas negras (pretas e pardas) na região é de apenas 9,5% - enquanto no plano amostral nacional temos cerca de 30%. Outro dado que se destaca, à primeira vista, é o percentual de jornalistas com mais de 51 anos exercendo a profissão (18,1%) – quase um em cada cinco. O aumento da presença de jornalistas nessa faixa etária (acima dos 51 anos), no Sul, é algo bem diverso em relação a pesquisas anteriores (FIGARO, NONATO, GROHMANN, 2013; MICK, LIMA, 2013). Fechando esse primeiro desenho do perfil, a maioria das jornalistas são solteiras (43,1%) e sem filhos (56,7%).

Faremos agora algumas comparações com os resultados do Perfil do Jornalista Brasileiro (LIMA et al, 2022) para seguir traçando o perfil dos profissionais que atuam no Sul do país. Nesse sentido, 83,7% da categoria tem registro profissional. Compõem um quadro de profissionais altamente qualificados – têm o ensino superior (36,7%), especialização (30,6%), mestrado (14,9%), doutorado (10,3%) e pós-doutorado (3%). Um dado bastante similar ao obtido no estudo nacional é referente ao número de profissionais formados em curso de jornalismo – 95,2% dos respondentes. O impacto da decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), em 2009, quando houve a queda da obrigatoriedade do diploma para atuação profissional, está praticamente resolvido pela própria dinâmica do mercado de trabalho, considerando que temos 327 cursos superiores em atividade no Brasil (dados de 2020 – eMec e Guia do Estudante Abril).

Do ponto de vista dos indicadores de precarização, os vínculos de trabalho (contratos) são um ponto de partida adequado para esta análise: 60% das/os jornalistas têm carteira assinada (CLT – 48%) ou são funcionários públicos (12%). No entanto, 21,9% das/os respondentes não têm seguridade social e se enquadram nas categorias de MEI, Freelancer ou Pes-



soa Jurídica, prestador de serviços (sem e com contrato) etc. Do ponto de vista salarial, predominam os baixos salários: 60% das/os profissionais ganham entre R\$ 1.100 a R\$ 5.500,00 – agravados por 3,8% que ganham até R\$ 1,1 mil, enquanto entre R\$ 5.501 e R\$ 11 mil estão concentrados 25,6% das/os jornalistas. Nesse cenário, apenas 39,9% das profissionais declararam que os ganhos salariais são suficientes para bancar suas necessidades básicas, enquanto mais de um terço da categoria (34,8%) afirmou que o salário não é suficiente para suas necessidades elementares. Em suma, os baixos salários de jornalistas também são uma realidade na Região Sul, não obstante a imagem que os estados têm no imaginário popular.

Só para acrescentar mais uns indicadores desse quadro grave de precarização do trabalho jornalístico, ressaltamos o que nos parece ser uma bomba etária de efeito retardado sobre um quadro predominantemente feminino e juvenil da categoria: o indicador de jornada de trabalho, considerando a jornada legal de 5h/dia. Quase 3 em cada 4 jornalistas da região trabalham entre 7h e 12h diárias (73,9%). No que seria a jornada de trabalho mais ou menos regular (até 6h/dia) temos 22,8% dos profissionais. Há ainda os espantosos 3,4% que trabalham acima das 13h diárias. No caso da região Sul, isso se explica também pelo número de vínculos – cerca de 1/3 das/os jornalistas trabalham em até quatro ou mais empresas: dois vínculos (28%); três (9%) e quatro ou mais (1,8%). Fechando esse quadro que está a exigir uma política pública, muito mais que a ação sindical, os indicadores de saúde dos jornalistas do Sul do país seguem a tendência nacional. A percepção de estresse entre os jornalistas da Região Sul é quase dois terços (62,7%), enquanto mais de um terço (35,2%) já foram diagnosticados com estresse; exatos 20,0% dos/as jornalistas já foram diagnosticados com algum tipo de transtorno mental relacionado ao trabalho; outros 32,5% - praticamente um em cada três profissionais - já receberam indicação para tomar antidepressivos; e ainda 18,6% já foram diagnosticados com algum sintoma de LER/DORT. Por último, para quase 3 em cada 4 jornalistas (73,4%) é comum trabalhar mais que o período contratado, por meio de horas extras. Um cenário que está gritando por soluções que estanquem a sangria da precarização da profissão, enquanto se reconstrói um ambiente laboral mais saudável (ANTUNES, 2018; NICOLETTI,

Os dados do perfil político das/os jornalistas desta região apontam para uma relativa convergência com o perfil nacional da categoria: apenas 38% são filiados em sindicatos – e



deste total, 78,4% são associados em sindicatos de jornalistas. Em relação à filiação partidária, 88,3% das/os jornalistas afirmaram não ser filiados a nenhum partido político; dos que responderam pertencer a um partido político (11,7%), o PT é o partido mais mencionado (4,6%), seguido pelo PSOL (2,1%), MDB, (1,6%) e PDT, com 0,9%. Quando se trata da auto-identificação ideológica, 76,3% se declararam à esquerda (centro-esquerda, esquerda e extrema-esquerda), enquanto 5,7% se declararam à direita (centro-direita e direita). Por último, 67,5% das/os jornalistas não atuam em nenhum tipo de associação ou organização social, ou seja, mais de 2/3 da categoria, no Sul, está fora do debate público na sociedade civil organizada, por múltiplas razões.

Com relação à atividade principal das/os profissionais que responderam ao estudo, os dados revelam uma ligeira distinção comparados aos resultados da amostra nacional, a saber: a maioria dos jornalistas (47%) está na “Mídia” – no estudo nacional é 57%, em veículos de comunicação de diversos portes); outros 39,7% trabalham “Fora da Mídia” – no estudo nacional é convergente, 34,9%; e, por fim, em “Docência” atuam 13,3% - no país, são apenas 7,4%.

Há muitas variáveis em jogo quando se trata de pensar o futuro da profissão. Desde a crise mais geral das instituições epistêmicas (MORETZSOHN, 2021) – cujos efeitos danosos transparecem em movimentos como o antivax ou terraplanista, na ascensão da extrema-direita em espaços públicos de poder, no declínio da democracia liberal, especialmente a partir dos resultados do Brexit (plebiscito no Reino Unido) e da eleição de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos, ambos eventos em 2016. A estratégia de poder baseada na mentira e nos ataques permanentes à imprensa e ao jornalismo como forma social de conhecimento, veiculada a partir do Twitter (o local de fala de Trump) e demais redes sociais transcendeu as fronteiras dos EUA e tensionou mais ainda a noção de verdade e interesse público, secular no Jornalismo. Aqui no “chão de fábrica” da indústria jornalística brasileira, algo que talvez seja comum às demais regiões, os gravíssimos indicadores de precarização do trabalho jornalístico ameaça duramente os planos de futuro da profissão.

Em última análise, os dados da Região Sul convergem em larga medida com os resultados obtidos na amostra nacional. Contudo, algumas coisas são bem específicas e traduzem a hegemonia política que se revelou nos últimos sete anos aqui, como por exemplo o fato de que menos de 10% dos jornalistas que atuam nos estados do Sul são negros e negras. Nossa esperança, como pesquisadoras e pesquisadores em jornalismo, é que esses



dados possam suscitar alguma estratégia das entidades sindicais e associativas que atuam nesta região para fortalecer o Jornalismo como profissão e forma social de conhecimento ante os complexos desafios que se colocam neste começo de século 21.



REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. O privilégio da servidão: novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

FENAJ. Relatório de Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil, da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), 2022. São Paulo: FENAJ, 2022. Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2023/01/FENAJ-Relat%C3%B3rio-2022.pdf> Acesso em: 01 de jun. 2023.

FIGARO, R.; NONATO, Cláudia; GROHMANN, Rafael. As mudanças no mundo do trabalho dos jornalistas. São Paulo: SALTA/ATLAS, 2013.

LIMA, Samuel Pantoja, et al. Perfil do jornalista brasileiro 2021: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho. Florianópolis: Quorum Comunicações, 2022. Disponível em: <https://perfildojornalista.paginas.ufsc.br/files/2022/06/RelatorioPesquisaPerfilJornalistas2022x2.pdf> Acesso em: 01 de jun. 2023.

MICK, Jacques; LIMA, Samuel. Perfil do jornalista brasileiro: Características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012. Florianópolis: Insular, 2013.

NICOLETTI, Janara. Precarização e qualidade no jornalismo: condições de trabalho e seus impactos na notícia. Florianópolis: Insular, 2021.